ESPECIAL

PLACAR

A SAGA DA

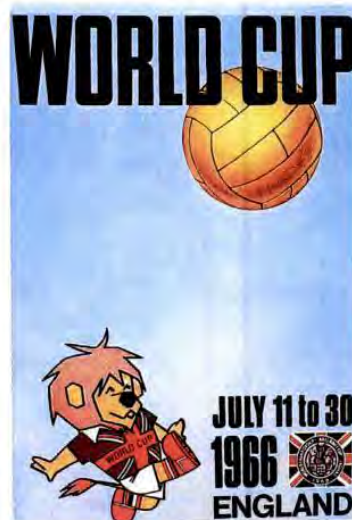
Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

fascículo 8 1966 INGLATERRA

O bandeira decidiu

"A Copa de 1966 entrou para a história por uma particularidade, que a torna diferente de todas as outras Copas: foi a única decidida por um bandeirinha", escreve Max Gehringer na primeira parte deste sétimo fascículo da saga da Jules Rimet. E encerra a lista dos campeões mundiais com um pequeno perfil justamente de Tofik Bakhramov, o bandeira soviético que viu como se tivesse cruzado a linha uma bola que quicou um palmo dentro do campo – e selou o destino daquela final Inglaterra x Alemanha Ocidental. Os ingleses, aproveitando a vantagem de jogar em casa, ficaram com o título (assim como haviam feito uruguaios e italianos, respectivamente em 1930 e 1934). Nesta edição, a penúltima da coleção, você vai saber como a Copa virou uma disputa global de verdade (com 69 nações inscritas para as eliminatórias), acompanhar o tabelão com as fichas completas dos 32 confrontos realizados em gramados britânicos e, claro, relembrar o fiasco da Seleção canarinho. O Brasil deu um senhor vexame. Antes de partir para a Europa, o país inteiro acreditava que nosso escrete (então bicampeão mundial) ganharia o tri sem nenhuma dificuldade. Com seu texto sempre bem humorado e preciso, Max conta o show de trapalhadas da CBD. Para começar, foram convocados 47 (!!!) atletas. Depois, sobrou pressão de cartolas dos grandes clubes e alguns dos craques em melhor situação acabaram de fora, para que outros menos preparados seguissem até Liverpool – inclusive um machucado, sem condição de jogo. O resultado todos conhecem: uma vitória magra em cima da Bulgária e duas derrotas incontestáveis, para Hungria e Portugal, com a eliminação nas oitavas-de-final. Mas os deuses do futebol guardavam uma fantástica surpresa para dali a quatro anos. É o que veremos no mês que vem, com tudo sobre a festa no México, em 1970.

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fascículo 1 Uruguai 1930
Fascículo 2 Itália 1934
Fascículo 3 França 1938
Fascículo 4 Brasil 1950
Fascículo 5 Suíça 1954
Fascículo 6 Suécia 1958
Fascículo 7 Chile 1962
Fascículo 8 Inglaterra 1966
Fascículo 9 México 1970

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)
Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente)
Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto
Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Laurentino Gomes
Diretor de Núcleo: Alfredo Ogawa

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja
Editores: Gian Oddi e Maurício Ribeiro de Barros
Repórter Especial: André Rizek **Coordenação:** Silvana Ribeiro
Atendimento ao leitor: Virgilio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa
www.placar.com.br

Vencer ou vencer

Quando a Inglaterra manifestou seu interesse em organizar a Copa de 1966, nenhum outro país se arriscou a concorrer. O que ninguém sabia é que o torneio acabaria sendo decidido (pela primeira e única vez na história) por um bandeirinha

No congresso da Fifa realizado em Roma, em 22 de agosto de 1960, a Inglaterra havia sido escolhida, por assim dizer, para sede da sétima Copa do Mundo. Com um inglês – Arthur Drewry – na presidência e vários outros ocupando cargos-chave na entidade, ninguém mais se atreveu a entrar na disputa quando o país manifestou sua vontade de promover o torneio. A votação, pela primeira vez, se deu por aclamação. No ano seguinte, outro inglês, Stanley Rous, foi eleito presidente da Fifa. Ele ficou responsável pela organização do Mundial e seu colega de velha data Ken Aston, ex-árbitro, recebeu uma incumbência que se mostraria fundamental: a escalação dos juízes.

Rous sabia muito bem o que a rainha e os súditos esperavam. Ele representara a Inglaterra no congresso da Fifa em 1950, no Rio de Janeiro, e vira o English Team ser batido pelos subdesenvolvidos – futebolisticamente falando – Estados Unidos. Mais tarde, acompanhou sua Seleção ser eliminada, sem glórias e ainda nas oitavas-de-final, nas Copas de 1954 e 1958. A melhor participação inglesa numa Copa tinha sido em 1962 – quando perdeu para o Brasil nas quartas-de-final. Para o orgulho inglês, tais resultados eram intoleráveis. Assim, em 1966, Stanley Rous não tinha uma incumbência, mas uma missão: a Inglaterra precisava vencer a "sua" Copa.

O técnico inglês também tinha história: como zagueiro, Alf Ramsey disputara a Copa de 1950, aqui no Brasil. Agora,

Alf Ramsey: o primeiro com poder para selecionar e escalar

ele estava no comando da Seleção – e era o primeiro com poderes para selecionar e escalar jogadores. Em troca, havia prometido ganhar a Copa, com uma frase no melhor estilo do ex-primeiro-ministro Winston Churchill: "We will win" ("Nós vamos ganhar"). Só faltou o charuto. Como treinador do time nacional, Ramsey estreara mal: uma derrota por 5 x 2 para a França, em Paris, em fevereiro de 1963. O resultado custou a eliminação dos ingleses da Copa Européia de Seleções. Mas o resto do ano foi positivo: em sete jogos, a Inglaterra venceu seis, incluindo um 2 x 1 sobre uma **Seleção do resto do mundo**, em comemoração ao centenário da FA, a Federação de Futebol Britânica.

Djalma Santos com a camisa do resto do mundo

Só um brasileiro – Djalma Santos – participou da tal Seleção dos melhores do planeta, embora o país fosse o bicampeão mundial. Pelé não viajou porque estava machucado, mas Garrincha foi convenientemente esquecido, porque os ingleses ainda se lembravam muito bem do estrago que ele havia feito no English Team durante a Copa de 1962.

No ano seguinte, 1964, a Inglaterra veio ao Brasil disputar a Copa das Nações, promovida pela CBD. E o saldo foi negativo: empatou com Portugal e perdeu para a Argentina, além de levar um vareio de 5 x 1 do Brasil, no Maracanã. Em 1965, a Seleção Inglesa até conseguiu alguns resultados interessantes fora de casa (vitórias sobre Hungria, Alemanha, Suécia e Espanha, além de um empate com a Iugoslávia). Mas, em Wembley, ela decepcionou, empatando com Escócia e País de Gales e perdendo para a Áustria por 3 x 2. O relacionamento de Alf Ramsey com a imprensa, que nunca tinha sido bom, piorou. Finalmente, em 1966, a Inglaterra disputou oito amistosos antes do Mundial, vencendo sete e empatando um. Mas a imprensa continuava desconfiada. Só a confiança de Ramsey parecia inabalável – e, certamente, também a de Stanley Rous. O que ninguém sabia, porém, é que a Copa de 1966 entraria para a história por uma particularidade, que a tornou diferente de todas as outras: foi a única decidida por um bandeirinha.

A INGLATERRA EM 1966

John, Ringo, Paul e George: revolução musical

No reino dos Beatles e da minissaia

O Império Britânico foi maior que o Império Romano ou qualquer outro império que o mundo já conheceu. Os britânicos foram os primeiros a ter possessões territoriais em todos os continentes: Américas, Ásia, África, Europa e Oceania. Essa supremacia territorial durou mais de 200 anos, do século 18 até a metade do século 20. Nada mau para um conjunto de ilhas com apenas 245 000 quilômetros quadrados de área (menor que o estado do Piauí, que tem 252 000 quilômetros quadrados). Em 1966, a Inglaterra tinha 47 milhões de habitantes, metade da população do Brasil. E o momento era simplesmente perfeito para os britânicos. Da cidade portuária de Liverpool, os Beatles haviam iniciado uma revolução musical e de costumes que se espalhara por todo o planeta, permitindo que dezenas de bandas de rock da ilha, algumas de talento discutível, também ganhassem espaço mundo afora. E Londres, que havia ficado à sombra de Paris em termos de moda, voltara aos holofotes em 1965, quando uma estilista de 31 anos, Mary Quant, lançou a minissaia (tecnicamente, uma saia cuja barra ficava 15 centímetros acima dos joelhos). Toda a moda se revolucionou e ganhou o nome de psicodélica, gerando roupas com uma formidável mistura de cores e de texturas. Londres, então, se tornou a delirante Swinging London. E, para completar a festa, só faltava mesmo ganhar a Copa do Mundo.

Existe um Itaú feito para você.
Seja Cliente Itaú.

**Para que as coisas saiam do seu jeito,
você precisa de um banco feito do seu jeito.**

Existem várias formas de ser Cliente Itaú. E sempre existe uma feita para você. O Itaú tem tudo o que você precisa, mesmo que não precise de tudo. Conta Corrente? É só passar em uma Agência Itaú. Cartão de Crédito*? Peça o seu. Crédito Pessoal*? Simples e rápido, nos Caixas Eletrônicos, Itaú Bankline Internet, Agências Itaú ou Lojas Taií. Financiamento de Veículo*? Também tem, no Itaú ou direto nas revendedoras credenciadas. Comodidade, solidez, inovação? Sim, sim, sim. No Itaú você ainda tem mais de 4.500 pontos de atendimento e mais de 22.000 Caixas Eletrônicos espalhados pelo país. Descomplique, inove, ganhe um banco feito para você. Seja Cliente Itaú. Vá a uma de nossas agências, acesse o www.itau.com.br ou ligue para 0800 17 4828.

Mais do mesmo

Durante 20 meses, 51 seleções brigaram por 14 vagas para se juntar a Brasil e Inglaterra e disputar o Mundial de 1966. No fim, ficaram 10 europeus, cinco das Américas e só um 'de fora', a Coréia do Norte

As eliminatórias prometiam ser um imenso e longo torneio: 69 países se inscreveram até a data-limite, 15 de dezembro de 1963 (e outros três perderam o prazo de inscrição). O sorteio para a composição dos grupos foi feito em 31 de janeiro de 1964, em Zurique. Mas, antes disso, muitas nações africanas e asiáticas começaram a desistir de participar. África e Ásia, juntas, já representavam 42 dos 110 países filiados. Mas a Fifa, insensivelmente, tinha aberto uma única vaga para a Copa de 1966 para todas as nações de África, Ásia e Oceania juntas. Além disso, a entidade mantinha em seus quadros a África do Sul e seu regime abertamente racista. O descaso com que a Federação tratou as reivindicações pela exclusão dos sul-africanos e pela concessão de mais uma vaga gerou uma onda de desistências. Essa miopia no relacionamento com africanos e asiáticos acabou levando à eleição do brasileiro João Havelange para a presidência, em 1974. Mas dez anos antes, Stanley Rous não pareceu ter ficado preocupado com os desistentes. Assim, 51 seleções foram a campo. Só para efeito do sorteio posterior, o da fase final da Copa, a Inglaterra – país anfitrião – e o Brasil – detentor do título – foram considerados "grupos" nas eliminatórias. A Inglaterra foi o 10 e o Brasil, o 14.

GRUPO 1 – *BÉLGICA, BULGÁRIA e ISRAEL*

BÉLGICA 1 x 0 ISRAEL
BRUXELAS, 9 DE MAIO DE 1965
BULGÁRIA 4 x 0 ISRAEL
SÓFIA, 13 DE JUNHO DE 1965
BULGÁRIA 3 x 0 BÉLGICA
SÓFIA, 26 DE SETEMBRO DE 1965
BÉLGICA 5 x 0 BULGÁRIA
BRUXELAS, 27 DE OUTUBRO DE 1965
ISRAEL 0 x 5 BÉLGICA
TEL-AVIV, 10 DE NOVEMBRO DE 1965
ISRAEL 1 x 2 BULGÁRIA
TEL-AVIV, 21 DE NOVEMBRO DE 1965
BULGÁRIA 2 x 1 BÉLGICA
FLORENÇA, 29 DE DEZEMBRO DE 1965

Só em 1961 a Bélgica implantou o profissionalismo em seu futebol. E conseguiu resultados satisfatórios nas eliminatórias para o Mundial de 1966, terminando o grupo em igualdade de condições com a Bulgária. Na partida de desempate, disputada na Itália, dois descuidos custaram a classificação. Em 1 minuto – aos 18 e 19 do primeiro tempo –, o centroavante búlgaro Asparukhov apareceu duas vezes sem marcação na frente do goleiro belga Nicolay e definiu o jogo, fazendo 2 x 0. O gol de honra, aos 30 minutos do segundo tempo, foi marcado contra, pelo zagueiro búlgaro Chalamalov. Mas já era tarde. A Bulgária foi para a Copa e a Bélgica teve de esperar até 1970, no México.

GRUPO 2 – *ALEMANHA OCIDENTAL, CHIPRE e SUÉCIA*

ALEMANHA OCIDENTAL 1 x 1 SUÉCIA
BERLIM OCIDENTAL, 4 DE NOVEMBRO DE 1964
ALEMANHA OCIDENTAL 5 x 0 CHIPRE
KARLSRUHE, 24 DE ABRIL DE 1965
SUÉCIA 3 x 0 CHIPRE
NORRKOPING, 5 DE MAIO DE 1965
SUÉCIA 1 x 2 ALEMANHA OCIDENTAL
ESTOCOLMO, 26 DE SETEMBRO DE 1965
CHIPRE 0 x 5 SUÉCIA
NICÓSIA, 7 DE NOVEMBRO DE 1965
CHIPRE 0 x 6 ALEMANHA OCIDENTAL
NICÓSIA, 14 DE NOVEMBRO DE 1965

O lendário técnico alemão Sepp Herberger tinha se auto-aposentado após a Copa de 1962. E a Alemanha Ocidental passou a ser dirigida por Helmut Schön – que já era auxiliar de Herberger na Seleção havia oito anos. A Alemanha começou mal, empatando em casa com a Suécia. Mas,

no velho e persistente estilo germânico, foi buscar o resultado no campo do adversário: venceu os suecos por 2 x 1 em Estocolmo. Nesse jogo, Schön tomou talvez a melhor decisão de sua carreira, ao escalar o jovem volante Franz Beckenbauer, de 19 anos, do Bayern de Munique. A Suécia ficou na dependência de que o modesto Chipre tirasse pelo menos um pontinho da Alemanha Ocidental, mas isso era esperar demais. Em Nicósia, os alemães garantiram a classificação com uma autoritária goleada de 6 x 0. Em seu processo de renovação, Schön havia também apostado em outro promissor talento, o armador Wolfgang Overath, do FC Köln, que passou a formar com Beckenbauer uma sólida dupla de meio campo.

GRUPO 3 – *FRANÇA, IUGOSLÁVIA, LUXEMBURGO e NORUEGA*

IUGOSLÁVIA 3 x 1 LUXEMBURGO
BELGRADO, 20 DE SETEMBRO DE 1964
LUXEMBURGO 0 x 2 FRANÇA
LUXEMBURGO, 4 DE OUTUBRO DE 1964
LUXEMBURGO 0 x 2 NORUEGA
LUXEMBURGO, 8 DE NOVEMBRO DE 1964
FRANÇA 1 x 0 NORUEGA
PARIS, 11 DE NOVEMBRO DE 1964
IUGOSLÁVIA 1 x 0 FRANÇA
BELGRADO, 18 DE ABRIL DE 1965
NORUEGA 4 x 2 LUXEMBURGO
TRONDHEIM, 27 DE MAIO DE 1965
NORUEGA 3 x 0 IUGOSLÁVIA
OSLO, 16 DE JUNHO DE 1965
NORUEGA 0 x 1 FRANÇA
OSLO, 15 DE SETEMBRO DE 1965
LUXEMBURGO 2 x 5 IUGOSLÁVIA
LUXEMBURGO, 19 DE SETEMBRO DE 1965
FRANÇA 1 x 0 IUGOSLÁVIA
PARIS, 9 DE OUTUBRO DE 1965
FRANÇA 4 x 1 LUXEMBURGO
MARSELHA, 6 DE NOVEMBRO DE 1965
IUGOSLÁVIA 1 x 1 NORUEGA
BELGRADO, 7 DE NOVEMBRO DE 1965

O prognóstico para este grupo era simples: nos jogos em casa, França e Iugoslávia venceriam uma à outra. E, depois de passarem facilmente por Noruega e Luxemburgo, franceses e iugoslavos disputariam um jogo de desempate em campo neutro, em alguma bucólica cidade européia. Assim, a partida realmente decisiva foi a inesperada derrota da Iugoslávia para a Noruega, em Oslo, por 3 x 0. O restante dos resultados ocorreu conforme o esperado e a França se classificou com uma vitória fácil no último jogo, contra Luxemburgo, por 4 x 1. No dia seguinte, já sem nenhum ânimo, a Iugoslávia empatou em Belgrado com sua asa negra, a Noruega. A França já não tinha nenhum dos medalhões da Copa do Mundo de 1958. Formara um time jovem, no qual despontava um argentino naturalizado, Nestor Combin – autor do vital gol na vitória francesa por 1 x 0 sobre a Noruega, em Oslo. Apesar do regulamento da Fifa que proibia estrangeiros, Combin pôde disputar a Copa pela França porque jamais havia entrado em campo pela Seleção da Argentina.

GRUPO 4 – *PORTUGAL, ROMÊNIA, TCHECOSLOVÁQUIA e TURQUIA*

PORTUGAL 5 x 1 TURQUIA
LISBOA, 24 DE JANEIRO DE 1965
TURQUIA 0 x 1 PORTUGAL
ANCARA, 19 DE ABRIL DE 1965
TCHECOSLOVÁQUIA 0 x 1 PORTUGAL
BRATISLAVA, 25 DE ABRIL DE 1965
ROMÊNIA 3 x 0 TURQUIA
BUCARESTE, 2 DE MAIO DE 1965
ROMÊNIA 1 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA
BUCARESTE, 30 DE MAIO DE 1965
PORTUGAL 2 x 1 ROMÊNIA
LISBOA, 13 DE JUNHO DE 1965
TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 1 ROMÊNIA
PRAGA, 19 DE SETEMBRO DE 1965
TURQUIA 0 x 6 TCHECOSLOVÁQUIA
ISTAMBUL, 9 DE OUTUBRO DE 1965
TURQUIA 2 x 1 ROMÊNIA
ANCARA, 23 DE OUTUBRO DE 1965
PORTUGAL 0 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA
PORTO, 31 DE OUTUBRO DE 1965
ROMÊNIA 2 x 0 PORTUGAL
BUCARESTE, 21 DE NOVEMBRO DE 1961
TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 1 TURQUIA
BRNO, 21 DE NOVEMBRO DE 1965

Ora, pois, e não é que Portugal se classificou? E num grupo que tinha a Tchecoslováquia, então vice-campeã mundial, mais Romênia e Turquia, países com um histórico de boas apresentações em eliminatórias. Desde novembro de 1964, Portugal havia montado uma comissão técnica com um selecionador (e técnico oficial) – Manuel da Luz Afonso, ligado ao Benfica – e um técnico de campo – o brasileiro Oto Glória. Oto tinha chegado a Portugal em 1954 e começara a montar o time do Benfica que acabou se tornando bicampeão europeu de clubes em 1961 e 1962, já com o húngaro Bela Guttman como treinador. Depois de ter passado por Belenenses e Porto, Oto foi convidado a treinar também a Seleção, em 1965, após seu time na época, o Sporting, ter conquistado o Campeonato Português. Mas o longamente aguardado sucesso lusitano numa eliminatória teve um nome: Eusébio da Silva Ferreira. Eusébio tinha estreado no Benfica em 1960, vindo de Lourenço Marques (hoje Maputo), capital da colônia portuguesa de Moçambique, na África. E Eusébio arrebentou nas eliminatórias: começou marcando 3 gols na vitória de Portugal sobre a Turquia, em Lisboa. Em seguida, marcou os 4 gols das cruciais nas vitórias sobre Turquia (1 x 0), Tchecoslováquia (1 x 0) e Romênia (2 x 1). Assim, quando Portugal enfrentou a Tchecoslováquia no estádio das Antas, no Porto, bastava um empate para a classificação. E Portugal segurou o 0 x 0. O último jogo, contra a Romênia em Bucareste, já não valia mais nada: mesmo perdendo por 2 x 0, Portugal estava numa Copa pela primeira vez.

GRUPO 5 – *ALBÂNIA, HOLANDA, IRLANDA DO NORTE e SUÍÇA*

HOLANDA 2 x 0 ALBÂNIA
ROTERDÃ, 24 DE MAIO DE 1964
IRLANDA DO NORTE 1 x 0 SUÍÇA
BELFAST, 14 DE OUTUBRO DE 1964
ALBÂNIA 0 x 2 HOLANDA
TIRANA, 25 DE OUTUBRO DE 1964
SUÍÇA 2 x 1 IRLANDA DO NORTE
LAUSANNE, 14 DE NOVEMBRO DE 1964
IRLANDA DO NORTE 2 x 1 HOLANDA
BELFAST, 17 DE MARÇO DE 1965
HOLANDA 0 x 0 IRLANDA DO NORTE
ROTERDÃ, 7 DE ABRIL DE 1965
ALBÂNIA 0 x 2 SUÍÇA
TIRANA, 11 DE ABRIL DE 1965
SUÍÇA 1 x 0 ALBÂNIA
GENEBRA, 2 DE MAIO DE 1965
IRLANDA DO NORTE 4 x 1 ALBÂNIA
BELFAST, 7 DE MAIO DE 1965
HOLANDA 0 x 0 SUÍÇA
AMSTERDÃ, 17 DE OUTUBRO DE 1965
SUÍÇA 2 x 1 HOLANDA
BERNA, 14 DE NOVEMBRO DE 1965
ALBÂNIA 1 x 1 IRLANDA DO NORTE
TIRANA, 24 DE NOVEMBRO DE 1965

Os prognósticos eram de que a decisão ficaria entre Suíça e Irlanda do Norte, já que o futebol holandês ainda era semiprofissional. Já os albaneses participavam pela primeira vez das eliminatórias. A Albânia era um país socialista linha-dura e xenófobo – durante a ditadura de Enver Hoxha, que durou 47 anos (1944 a 1991), ela não importava nada, o que a fez parar no tempo. Entre 1952 e 1963, a Seleção da Albânia havia feito apenas 14 jogos, com 3 vitórias, 2 empates e 9 derrotas. Mas as derrotas eram sempre por margens apertadas, graças a um trancado sistema defensivo. Já a Irlanda do Norte apostava em George Best, de 19 anos, atacante do Manchester United que a imprensa dizia ser "tão bom quanto Pelé". Best e os irlandeses fizeram o que puderam – inclusive aplicando a única goleada que a Albânia tomou – e chegaram à última rodada com boas chances. Mas não conseguiram bater os albaneses em Tirana para provocar um jogo extra contra a Suíça, que carimbou o passaporte.

GRUPO 6 – *ALEMANHA ORIENTAL, ÁUSTRIA e HUNGRIA*

ÁUSTRIA 1 X 1 ALEMANHA ORIENTAL
VIENA, 25 DE ABRIL DE 1965
ALEMANHA ORIENTAL 1 X 1 HUNGRIA
LEIPZIG, 23 DE MAIO DE 1965
ÁUSTRIA 0 X 1 HUNGRIA
VIENA, 13 DE JUNHO DE 1965
HUNGRIA 3 X 0 ÁUSTRIA
BUDAPESTE, 5 DE SETEMBRO DE 1965
HUNGRIA 3 X 2 ALEMANHA ORIENTAL
BUDAPESTE, 9 DE OUTUBRO DE 1965
ALEMANHA ORIENTAL 1 X 0 ÁUSTRIA
LEIPZIG, 31 DE OUTUBRO DE 1965

Em 1964, a Hungria havia conquistado o título dos Jogos Olímpicos de Tóquio, vencendo na final a Tchecoslováquia, por 2 x 1. Mesmo sem alguns de seus principais jogadores, a Hungria venceu as cinco partidas. E revelou um promissor atacante, Ferenc Bene, artilheiro da competição com 12 gols. Nas eliminatórias, com o craque Florian Albert e o capitão Kalman Meszoly de volta ao time, os húngaros se classificaram com três vitórias e um empate. O grupo mostrou também a evolução da Alemanha Oriental e a decadência da Áustria, que terminou em último lugar.

GRUPO 7 – *DINAMARCA, GRÉCIA, PAÍS DE GALES e UNIÃO SOVIÉTICA*

DINAMARCA 1 x 0 PAÍS DE GALES
COPENHAGUE, 21 DE OUTUBRO DE 1964
GRÉCIA 4 x 2 DINAMARCA
ATENAS, 29 DE NOVEMBRO DE 1964
GRÉCIA 2 x 0 PAÍS DE GALES
ATENAS, 9 DE DEZEMBRO DE 1964
PAÍS DE GALES 4 x 1 GRÉCIA
CARDIFF, 17 DE MARÇO DE 1965
UNIÃO SOVIÉTICA 3 x 1 GRÉCIA
MOSCOU, 23 DE MAIO DE 1965
UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 1 PAÍS DE GALES
MOSCOU, 30 DE MAIO DE 1965
UNIÃO SOVIÉTICA 6 x 0 DINAMARCA
MOSCOU, 27 DE JUNHO DE 1965
GRÉCIA 1 x 4 UNIÃO SOVIÉTICA
PIREU, 3 DE OUTUBRO DE 1965
DINAMARCA 1 x 3 UNIÃO SOVIÉTICA
COPENHAGUE, 17 DE OUTUBRO DE 1965
DINAMARCA 1 x 1 GRÉCIA
COPENHAGUE, 27 DE OUTUBRO DE 1965
PAÍS DE GALES 1 x 1 UNIÃO SOVIÉTICA
CARDIFF, 27 DE OUTUBRO DE 1965
PAÍS DE GALES 4 x 2 DINAMARCA
WREXHAM, 1º DE DEZEMBRO DE 1965

Depois de sucumbir nas Copas de 1958 e 1962 com seu "futebol científico", a União Soviética resolveu nem participar do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de 1964 – do qual era a grande favorita. Havia rumores de que os soviéticos estavam renovando totalmente a equipe, mas o time que jogou as eliminatórias apresentou os conhecidos Yashin, Voronin, Metreveli e Ivanov. Só que os testes estavam mesmo sendo feitos: nos seis jogos que disputou, a União Soviética usou 24 jogadores diferentes. Ainda assim, não teve muito trabalho para se classificar.

GRUPO 8 – *ESCÓCIA, FINLÂNDIA, ITÁLIA e POLÔNIA*

ESCÓCIA 3 X 1 FINLÂNDIA
GLASGOW, 21 DE OUTUBRO DE 1964
ITÁLIA 6 X 1 FINLÂNDIA
GÊNOVA, 4 DE NOVEMBRO DE 1954
POLÔNIA 0 X 0 ITÁLIA
VARSÓVIA, 18 DE ABRIL DE 1965
POLÔNIA 1 X 1 ESCÓCIA
CHORZOW, 23 DE MAIO DE 1965
FINLÂNDIA 1 X 2 ESCÓCIA
HELSINQUE, 27 DE MAIO DE 1965
FINLÂNDIA 0 X 2 ITÁLIA
HELSINQUE, 23 DE JUNHO DE 1965
FINLÂNDIA 2 X 0 POLÔNIA
HELSINQUE, 26 DE SETEMBRO DE 1965
ESCÓCIA 1 X 2 POLÔNIA
GLASGOW, 13 DE OUTUBRO DE 1965
POLÔNIA 7 X 0 FINLÂNDIA
SZCZECIN, 24 DE OUTUBRO DE 1965
ITÁLIA 6 X 1 POLÔNIA
ROMA, 1º DE NOVEMBRO DE 1965
ESCÓCIA 1 X 0 ITÁLIA
GLASGOW, 9 DE NOVEMBRO DE 1965
ITÁLIA 3 X 0 ESCÓCIA
NÁPOLES, 8 DE DEZEMBRO DE 1965

Na metade da minicompetição, Itália e Escócia já tinham se destacado do resto dos participantes e tudo indicava que decidiriam a chave nos dois últimos jogos, quando se enfrentariam diretamente. Mas foi a Polônia, que até então vinha sendo uma decepção (dois empates em casa e uma derrota fora, para a inofensiva Finlândia), quem praticamente definiu a sorte do grupo em favor dos italianos. Jogando em Glasgow, a Polônia perdia para a Escócia por 1 x 0 até os 40 minutos do segundo tempo, quando fez 2 gols em 1 minuto e virou a partida. A Escócia ainda conseguiu vencer a Itália em Glasgow – com 1 gol chorado a 2 minutos do fim –, mas os italianos deram o troco no último jogo e se classificaram. A Itália apresentou uma dupla de ataque de muito respeito: Gianni Rivera, de 22 anos, do Milan, e Alessandro Mazzola, de 23, da Inter de Milão. O "nosso" Mazzola, João Altafini, companheiro de Rivera no Milan, não pôde ser convocado por causa do novo regulamento da Fifa, que vetava a participação de estrangeiros que já tivessem atuado por seu país de origem.

GRUPO 9 – *ESPANHA, REPÚBLICA DA IRLANDA e SÍRIA*

REPÚBLICA DA IRLANDA 1 x 0 ESPANHA
DUBLIN, 5 DE MAIO DE 1965
ESPANHA 4 x 1 REPÚBLICA DA IRLANDA
SEVILHA, 27 DE OUTUBRO DE 1965
ESPANHA 1 x 0 REPÚBLICA DA IRLANDA
PARIS, 10 DE NOVEMBRO DE 1965

A Síria, acompanhando a retirada em massa dos países africanos e asiáticos (leia na pág. 15), desistiu de participar. Espanha e República da Irlanda fizeram então uma eliminatória direta: a República da Irlanda venceu em Dublin e a Espanha venceu em Sevilha. Um jogo de desempate tinha de ser marcado e a Fifa tinha duas opções: Londres ou Paris. Os espanhóis não gostavam da idéia de jogar em Londres, mas não podiam reclamar, porque a capital da Inglaterra era, em teoria, um campo neutro (a República da Irlanda tecnicamente não faz parte da Comunidade Britânica). A Espanha então fez uma proposta à República da Irlanda: o jogo seria em Paris e os irlandeses ficariam com toda a renda. E a República da Irlanda aceitou. Como as normas da Fifa vetavam os naturalizados, os espanhóis tiveram de formar uma Seleção apenas de jogadores nativos – alguns deles, reservas de astros estrangeiros em seus clubes. O gol que levou a Espanha à Copa foi marcado aos 40 minutos do segundo tempo por Armando Ufarte, do Atlético de Madri, mais conhecido no Brasil como Espanhol. Ufarte, embora tenha nascido em Pontevedra, na Espanha, foi criado em São Paulo e atuou pelo Corinthians (1961 e 1962) e pelo Flamengo (1962 a 1964). Ufarte nunca mais retornou ao Brasil: após encerrar sua carreira como jogador, tornou-se técnico e mais tarde assumiu as categorias de base da Seleção Espanhola.

GRUPO 11– *PERU, URUGUAI e VENEZUELA*

PERU 1 x 0 VENEZUELA
LIMA, 16 DE MAIO DE 1965
URUGUAI 5 x 0 VENEZUELA
MONTEVIDÉU, 23 DE MAIO DE 1965
VENEZUELA 1 x 3 URUGUAI
CARACAS, 30 DE MAIO DE 1965
VENEZUELA 3 x 6 PERU
CARACAS, 2 DE JUNHO DE 1965
PERU 0 x 1 URUGUAI
LIMA, 6 DE JUNHO DE 1965
URUGUAI 2 x 1 PERU
MONTEVIDÉU, 20 DE JULHO DE 1965

Das nações sul-americanas, a Venezuela é a única que não tem o futebol como esporte número 1. Aliás, nem como número 2. O primeiro, na preferência do venezuelano, disparado, é o beisebol. E o futebol vem depois do basquete. Mesmo assim, competindo com o ciclismo. Por isso, os venezuelanos não reclamaram quando sua Seleção deixou de participar das eliminatórias para as Copas de 1958 e 1962. E tampouco ligaram quando a Venezuela foi facilmente derrotada por Peru e Uruguai nas eliminatórias para 1966. O jogo crucial do grupo foi disputado em Lima, entre Peru e Uruguai. Com 1 gol de Urruzmendi aos 39 minutos do segundo tempo, o Uruguai venceu por 1 x 0 e praticamente garantiu a classificação. Que foi sacramentada no jogo de volta, em Montevidéu.

GRUPO 12 – *CHILE, COLÔMBIA e EQUADOR*

COLÔMBIA 0 x 1 EQUADOR
BARRANQUILLA, 20 DE JULHO DE 1965
EQUADOR 2 x 0 COLÔMBIA
GUAYAQUIL, 25 DE JULHO DE 1965
CHILE 7 x 2 COLÔMBIA
SANTIAGO, 1º DE AGOSTO DE 1965
COLÔMBIA 2 x 0 CHILE
BARRANQUILLA, 7 DE AGOSTO DE 1965
EQUADOR 2 x 2 CHILE
GUAYAQUIL, 15 DE AGOSTO DE 1965
CHILE 3 x 1 EQUADOR
SANTIAGO, 22 DE AGOSTO DE 1965
CHILE 2 x 1 EQUADOR
LIMA, 12 DE OUTUBRO DE 1965

Os clubes mais fortes da Colômbia formaram uma liga à parte. E a Federação Colombiana, filiada à Fifa, ficou apenas com os piores jogadores. No equador, as ligas de Quito e de Guayaquil entraram em conflito. A de Quito se recusou a fornecer seus jogadores e só a de Guayaquil participou da Seleção. Assim, tudo parecia fácil para o Chile. Na estréia, vitória sobre a Colômbia por 7 x 2 (chegou a abrir 7 x 0). E os colombianos, que já haviam perdido duas vezes para o Equador, acordaram. Para evitar um vexame total, os dirigentes convenceram um atleta da liga pirata – o atacante Antonio Rada – a jogar. E deu certo: Rada marcou os 2 gols na vitória por 2 x 0. Assim, a decisão do grupo ficou entre Chile e Equador. A duras penas, o Chile conseguiu arrancar um empate de 2 x 2 em Guayaquil e venceu em Santiago por 3 x 1, levando a decisão para um jogo extra. Finalmente, em Lima, no Peru, o Chile conseguiu a vaga para a Copa, ao bater o Equador por 2 x 1.

GRUPO 13 – *ARGENTINA, BOLÍVIA e PARAGUAI*

PARAGUAI 2 x 0 BOLÍVIA
ASSUNÇÃO, 25 DE JULHO DE 1965
ARGENTINA 3 x 0 PARAGUAI
BUENOS AIRES, 1º DE AGOSTO DE 1965
PARAGUAI 0 X 0 ARGENTINA
ASSUNÇÃO, 8 DE AGOSTO DE 1965
ARGENTINA 4 X 1 BOLÍVIA
BUENOS AIRES, 17 DE AGOSTO DE 1965Å
BOLÍVIA 2 X 1 PARAGUAI
LA PAZ, 22 DE AGOSTO DE 1965
BOLÍVIA 1 X 2 ARGENTINA
LA PAZ, 29 DE AGOSTO DE 1965

A imprensa argentina não acreditava muito em sua Seleção. Mas, em campo, a concorrência se mostrou muito ruim, com o Paraguai formando uma das equipes menos competitivas de sua história. De novidades, a Argentina mostrou um veloz e escorregadio ponteiro-esquerdo, Oscar 'Pinino' Mas, de 18 anos, do River Plate, que teve longa carreira na Seleção. E um centroavante de muita competência, Luis Artime, de 25 anos, do Independiente, artilheiro dos Campeonatos Argentinos de 1962, 1963 e 1965. Artime fez os 2 gols decisivos no último jogo.

GRUPO 15 – *AMÉRICA CENTRAL e CARIBE*

Foram formados três subgrupos, e os três vencedores se encontrariam numa fase final. A Guatemala, que estaria no subgrupo A, só enviou sua ficha de inscrição após a data-limite, 15 de dezembro de 1964. E, como mandavam as rígidas normas da Fifa, não foi aceita.

SUBGRUPO A – *ANTILHAS HOLANDESAS, CUBA e JAMAICA*

JAMAICA 2 X 0 CUBA
KINGSTON, 16 DE JANEIRO DE 1965
CUBA 1 X 1 ANTILHAS HOLANDESAS
KINGSTON, 20 DE JANEIRO DE 1965
JAMAICA 2 X 0 ANTILHAS HOLANDESAS
KINGSTON, 23 DE JANEIRO DE 1965
CUBA 0 X 1 ANTILHAS HOLANDESAS
HAVANA, 30 DE JANEIRO DE 1965
ANTILHAS HOLANDESAS 0 X 0 JAMAICA
HAVANA, 3 DE FEVEREIRO DE 1965
CUBA 2 X 1 JAMAICA
HAVANA, 8 DE FEVEREIRO DE 1965

Estréia da Jamaica e retorno de Cuba, em sua primeira participação sob o regime de Fidel Castro – que, em sua juventude, havia sido jogador de beisebol. Num minitorneio, os jamaicanos seguiram em frente com 5 pontos, contra 3 de Cuba e das Antilhas Holandesas e 3 de Cuba.

SUBGRUPO B – *COSTA RICA, SURINAME e TRINIDAD E TOBAGO*

TRINIDAD E TOBAGO 4 x 1 SURINAME
PORT OF SPAIN, 7 DE FEVEREIRO DE 1965
COSTA RICA 1 x 0 SURINAME
SAN JOSÉ, 12 DE FEVEREIRO DE 1965
COSTA RICA 4 x 0 TRINIDAD E TOBAGO
SAN JOSÉ, 21 DE FEVEREIRO DE 1965
SURINAME 1 X 3 COSTA RICA
PARAMARIBO, 28 DE FEVEREIRO DE 1965
TRINIDAD E TOBAGO 0 X 1 COSTA RICA
PORT OF SPAIN, 7 DE MARÇO DE 1965
SURINAME 6 X 1 TRINIDAD E TOBAGO
PARAMARIBO, 14 DE MARÇO DE 1965

Nenhuma surpresa: Costa Rica, favorita, venceu fácil e seguiu adiante. Curiosamente, os jogos da liga de Trinidad e Tobago duravam 60 minutos, não 90. Por isso, suas equipes estavam acostumadas a correr bastante no início dos jogos – mas se cansavam na meia hora final.

SUBGRUPO C – *ESTADOS UNIDOS, HONDURAS e MÉXICO*

HONDURAS 0 x 1 MÉXICO
SAN PEDRO SULA, 28 DE JANEIRO DE 1965
MÉXICO 3 x 0 HONDURAS
CIDADE DO MÉXICO, 4 DE MARÇO DE 1965
ESTADOS UNIDOS 2 x 2 MÉXICO
LOS ANGELES, 7 DE MARÇO DE 1965
MÉXICO 2 x 0 ESTADOS UNIDOS
CIDADE DO MÉXICO, 12 DE MARÇO DE 1965
HONDURAS 0 x 1 ESTADOS UNIDOS
SAN PEDRO SULA, 17 DE MARÇO DE 1965
HONDURAS 1 x 1 ESTADOS UNIDOS
TEGUCIGALPA, 21 DE MARÇO DE 1965

O México, com Carbajal no gol, passou tranqüilo para a fase seguinte. Os Estados Unidos deram um pequeno suspiro, empatando com o México em Los Angeles – jogo visto por mais de 20 000 pagantes, a maioria imigrantes mexicanos – e batendo Honduras em San Pedro Sula.

FINAIS – *COSTA RICA, JAMAICA e MÉXICO*

COSTA RICA 0 X 0 MÉXICO
SAN JOSÉ, 25 DE ABRIL DE 1965
JAMAICA 2 X 3 MÉXICO
KINGSTON, 3 DE MAIO DE 1965
MÉXICO 8 X 0 JAMAICA
CIDADE DO MÉXICO, 7 DE MAIO DE 1965
COSTA RICA 7 X 0 JAMAICA
SAN JOSÉ, 11 DE MAIO DE 1965
MÉXICO 1 X 0 COSTA RICA
CIDADE DO MÉXICO, 16 DE MAIO DE 1965
JAMAICA 1 X 1 COSTA RICA
KINGSTON, 22 DE MAIO DE 1965

A Jamaica deu trabalho em casa, mas foi um saco de pancadas fora. Sem sustos, o México passou invicto e, novamente, foi para a Copa – sétima participação em dez Mundiais. De bom, os mexicanos mostraram o trio atacante Diaz, Fragoso e Cisneros. Cada um marcou 3 gols nessa fase.

GRUPO 16 – *ÁFRICA, ÁSIA e OCEANIA*

Inicialmente, 19 países estavam inscritos. No subgrupo A, ficariam Austrália, África do Sul, Coréia do Sul e Coréia do Norte. No B, Camarões, Mali, Gana e Guiné. No C, Marrocos, Senegal, Sudão, Argélia, Libéria e Tunísia. No D, Líbia, Nigéria, Etiópia, Gabão e República Árabe Unida (união política entre Egito e Síria, formada em 1958). Outros dois países – Congo e Filipinas – também haviam dito à Fifa que participariam, mas perderam o prazo de inscrição. Em junho de 1964, tão logo a Fifa anunciou a formação dos grupos, alguns países africanos se colocaram contra a presença da África do Sul, em protesto por seu regime racista de apartheid. Quando foi decidida a exclusão dos sul-africanos, no congresso da Fifa realizado em Tóquio, em outubro de 1964, já era tarde demais. Apenas três países – a Austrália e as duas Coréias – estavam dispostas a continuar na disputa. Mas a Coréia do Sul também desistiu, por divergências políticas com o regime comunista da vizinha do Norte. Assim, sobraram só dois candidatos: Austrália e Coréia do Norte. E aí surgiu outro problema: a Austrália não reconhecia o governo norte-coreano. Por isso, não poderia ceder vistos de entrada para os adversários nem permitir que seus jogadores viajassem para Pyongyang. A Fifa decidiu então marcar os dois jogos para um campo neutro: o Camboja, já que o príncipe Norodom Sihanouk era um entusiasta do futebol. Para manter a total neutralidade da disputa, o príncipe até determinou que a metade esquerda do estádio deveria torcer para a Austrália e a metade direita, para a Coréia do Norte.

CORÉIA DO NORTE 6 X 1 AUSTRÁLIA
PHNOM PENH, 21 DE NOVEMBRO DE 1965
CORÉIA DO NORTE 3 X 1 AUSTRÁLIA
PHNOM PENH, 24 DE NOVEMBRO DE 1965

O técnico da Austrália, depois do primeiro jogo, declarou que ficara "profundamente espantado" com a velocidade dos norte-coreanos. Mas, como a Austrália não era considerada uma seleção forte, as duas enfáticas vitórias da Coréia do Norte nem foram levadas em consideração pelos especialistas. No final de 1965, a Seleção parecia ser apenas mais uma dessas que vão à Copa para dar uma contribuição ao saldo de gols dos adversários. Os italianos que o digam...

A Coréia do Norte contra o mundo

Assim, depois de 20 meses de disputas (o primeiro jogo foi realizado em maio de 1964 e o último, em dezembro de 1965), ficaram definidos os 16 países participantes da Copa da Inglaterra. Como já era de praxe, havia 10 europeus, 5 das Américas e apenas 1 "intruso", a Coréia do Norte. Confira a seguir os classificados.

Alemanha Ocidental	Chile	Hungria	Portugal
Argentina	Coréia do Norte	Inglaterra	Suíça
Brasil	Espanha	Itália	União Soviética
Bulgária	França	México	Uruguai

Otimismo exagerado

Se havia uma certeza no Brasil era a de que o tricampeonato viria dos gramados ingleses. Num clima de festa antecipada, todos queriam tirar uma casquinha da vitória – e nunca houve tanta interferência dos cartolas como naquele ano

Nunca, como em 1966, uma Seleção Brasileira viajou para um Mundial com tanta certeza de vitória. Em abril de 1966, o número 1 da revista *Realidade* trazia na capa um sorridente Pelé – portando o busby, o britânico chapéu de pêlos da guarda da rainha Elizabeth II – e uma reportagem ficcional, mas que refletia o otimismo nacional. Seu título era "Foi assim que ganhamos o tri". Mas, no momento em que *Realidade* chegou às bancas, já havia ocorrido um episódio determinante para o fracasso do Brasil na Copa. Em março, João Havelange e Paulo Machado de Carvalho se desentenderam.

Apesar de politicamente incorreto para os padrões atuais (entre outras barbaridades, chamava os jogadores negros de "macaquinhos"), o doutor Paulo, aos 65 anos, tinha uma exuberância que deixava em segundo plano seus colegas de comissão técnica. E, com todo mundo querendo tirar uma casquinha do tri, o doutor Paulo se tornara um entrave. As discussões que levaram ao rompimento entre Havelange e ele começaram por causa do técnico. Vicente Feola, campeão em 1958, voltara à Seleção em 1964, substituindo Aymoré Moreira, campeão em 1962. O doutor Paulo queria Aymoré, mas Havelange discordava. Como discórdia atrai mais discórdia, o doutor Paulo acabou afastado por "intransigência".

Pelé na capa da edição número 1 de *Realidade*: o país todo acreditava no tri

João Havelange decidiu que seria, ele próprio, o chefe da delegação na Inglaterra. Carlos Nascimento – o executor dos famosos planos que haviam dado certo nas duas Copas anteriores – encabeçaria a nova comissão técnica. E sua primeira decisão foi manter Feola como treinador. Mas a ausência do doutor Paulo trouxe de volta um fantasma que parecia exorcizado desde 1958: o bairrismo. Com dirigentes mais sugestionáveis no comando, as pressões dos clubes começaram antes da convocação, continuaram na definição dos cortes e prosseguiram em solo inglês, na escalação do time. Na época, essa política ganhou até um nome: filhotismo. Quem era mais bem apadrinhado jogava.

Em 1966, existiam times que poderiam fornecer uma razoável base para a Seleção. Era o caso do Santos, bicampeão mundial de clubes em 1962 e 1963 e pentacampeão da Taça Brasil. Ou do Palmeiras, que tinha montado um esquadrão conhecido como Academia – era tão bom que tinha sido convidado a vestir a camisa da Seleção na inauguração do Mineirão, em 7 de setembro de 1965, e vencera o Uruguai por 3 x 0. Ou ainda do Cruzeiro, com sua coleção de craques. Mas, infelizmente, os clubes que tinham

Gente demais: nos primeiros treinos, 46 jogadores disputavam uma vaga no time

os melhores elencos não eram exatamente os que tinham mais prestígio junto à CBD. E todo grande clube fazia questão de ter o "seu" tricampeão mundial.

A superconvocação

Em 10 de abril de 1966, para atender a todas as "sugestões", foram chamados 45 jogadores para o início dos treinos. Pouco depois, o número subiu para 47, com a repatriação de Amarildo e Jair de Costa, que estavam na Itália (mas Jair, machucado, não veio). A convocação, mais que um agrupamento de craques, era um mosaico de 15 clubes diferentes: 7 do Santos (Gilmar, Carlos Alberto, Orlando, Zito, Lima, Pelé e Edu), 6 do Palmeiras (Valdir, Djalma Santos, Djalma Dias, Dudu, Servílio e Rinaldo), 5 do Botafogo (Manga, Rildo, Gérson, Jairzinho e Parada), 5 do São Paulo (Fábio, Bellini, Dias, Fefeu e Paraná), 4 do Vasco (Brito, Fontana, Oldair e Célio), 4 do Flamengo (Murilo, Ditão, Paulo Henrique e Silva), 4 do Corinthians (-Edson, Dino, Garrincha e Flávio), 3 do Bangu (Ubirajara, Fidélis e Paulo Borges), 2 do Fluminense (Altair e Denílson) e 1 de Cruzeiro (Tostão), Grêmio (Alcindo), Náutico (Nado), América (Leônidas), Portuguesa (Ivair) e Milan (Amarildo).

A superconvocação despertou tanto interesse que a BBC de Londres mandou uma equipe para acompanhar os exames médicos. Ao contrário do que ocorrera em 1958 e 1962 – quando foram extraídos dentes, amídalas e calos –, desta vez todos foram dados como "física e clinicamente aptos". Ou o condicionamento dos jogadores tinha melhorado muito em quatro anos ou os exames é que tinham piorado. Um mês depois, porém, o armador Gérson foi operado de um cálculo renal no Hospital da Beneficência Portuguesa, no Rio de Janeiro.

Tri, o canarinho

O sucesso do leãozinho Willie, mascote do Mundial de 1966, inspirou o desenhista Ziraldo Alves Pinto a criar, com a ajuda e o apoio do jornalista Carlos Leonam, o primeiro personagem-símbolo do Brasil numa Copa: o canarinho Tri, que adornava as páginas da revista *Fatos & Fotos* e logo foi adotado pela torcida brasileira. Mas Ziraldo não foi o inventor do canarinho como símbolo da Seleção – o nome já existia muitos anos antes, embora ainda não tivesse uma representação gráfica. A versão mais aceita é que "Seleção canarinho do Brasil" é um dos inúmeros apelidos inventados pelo locutor de rádio e TV Geraldo José de Almeida.

A hora do show

Também ao contrário de 1958 e 1962, quando a Seleção foi colocada em ambientes tranqüilos, a de 1966 precisava ser exibida. Assim, além de levar os craques para cinco cidades diferentes – Lambari, Caxambu, Teresópolis, Três Rios e Niterói –, a comissão técnica decidiu concluir os treinamentos num tour europeu de duas semanas. Os trabalhos de preparação no Brasil foram igualmente surreais, com a formação de seleções cariocas, paulistas ou "aglomeradas", que se enfrentavam entre si. Na época, o importante não era definir o time-base, mas avaliar a condição técnica dos atletas. Havia apenas uma grande preocupação (que, aliás, já vinha desde a final do Mundial do Chile, quatro anos antes): encontrar o

companheiro ideal para Pelé no ataque. Ironicamente, o centroavante Toninho, que se entendia perfeitamente bem com ele no Santos, nem estava entre os convocados.

Garrincha, em contrapartida, foi uma aposta pessoal de Havelange. Ele ficara três anos fora da Seleção, de julho de 1962 a junho de 1965, por problemas pessoais ou de contusão. Mas, no início de 1966, a CBD e a Federação Paulista de Futebol armaram um esquema para recuperá-lo. Ele transferiu-se para o Corinthians e disputou os primeiros jogos do Campeonato Paulista. Nem de longe lembrava o craque das Copas anteriores, mas mesmo assim seguiu rumo à Inglaterra. Outra aposta arriscada foi a troca do preparador físico Paulo Amaral por Rudolf Hermanny, de 36 anos, professor de judô. Seus métodos, ótimos para o tatame, não davam os mesmos resultados nos campos. Depois do Mundial, os próprios atletas confessaram que, nos 20 minutos finais das partidas, estavam com a língua de fora. E Paulo Amaral acabou nomeado membro efetivo da comissão técnica – mas sem função. Em teoria, as tarefas de convocar, cortar e escalar seriam divididas entre Carlos Nascimento, Paulo Amaral e Vicente Feola, com a assessoria do doutor Hilton Gosling. Da delegação voltou a fazer parte o dentista Mário Trigo. Ao contrário de 1958 e 1962, ninguém parecia não ter vontade de rir de suas piadas – uma representação sintomática do estado de espírito geral. Mas nada afetava o clima de otimismo que cercava a Seleção. Para o povo, nem um novo dilúvio universal seria capaz de tirar o tri do Brasil: bastava botar Pelé e mais dez em campo.

Os primeiros cortes

No dia 1º de maio, a Seleção iniciou oficialmente seus preparativos, com dois jogos-treino no Maracanã: um time ganhou da Seleção Gaúcha por 2 x 0 e outro venceu o Atlético Mineiro por 5 x 0. A partir daí, iniciou-se uma seqüência de amistosos. Como não havia um time definido, supunha-se que a equipe titular era aquela em que Pelé jogava. Foram dez jogos, com oito vitórias e dois empates (note que, num mesmo dia, 8 de junho, a Seleção entrou em campo duas vezes):

14 de maio	País de Gales	3 x 1	Maracanã
15 de maio	Chile	1 x 1	Pacaembu
18 de maio	País de Gales	1 x 0	Mineirão
19 de maio	Chile	1 x 0	Maracanã
4 de junho	Peru	4 x 0	Morumbi
5 de junho	Polônia	4 x 1	Mineirão
8 de junho	Peru	3 x 1	Maracanã
8 de junho	Polônia	2 x 1	Maracanã
12 de junho	Tchecoslováquia	2 x 1	Maracanã
15 de junho	Tchecoslováquia	2 x 2	Maracanã

No dia 16 de junho, foram anunciados os primeiros cortes. Dos 46 que iniciaram os treinamentos, 19 foram dispensados e 27 seguiram para a Europa. Cortes sempre despertam polêmicas, mas pelo menos um deles teve desaprovação unânime: a do lateral-direito Carlos Alberto Torres, revelado pelo Fluminense, mas já jogando no Santos. Carlos Alberto – que viria a ser o capitão do tri, só que em 1970 – foi cortado e ficou sem entender a razão. A vaga na lateral-direita ficou com Djalma Santos, já com 37 anos, e Fidélis, um lateral apenas esforçado do Bangu, o clube de Carlos Nascimento.

No dia seguinte, a Seleção levantou vôo rumo à Europa num Boeing 707 especialmente fretado – afinal, éramos bicampeões do mundo. O comandante Bungner, que havia pilotado o avião da Seleção nas campanhas vitoriosas de 1958 e 1962, desta vez não foi requisitado. Nem sua empresa, a Panair, substituída pela Varig. No Velho Continente, foram disputados os últimos seis amistosos, com cinco vitórias e um empate:

21 de junho	Atlético de Madrid	5 x 3	Madri, Espanha
25 de junho	Escócia	1 x 1	Glasgow, Escócia
27 de junho	Atvidaberg	8 x 2	Atvidaberg, Suécia
30 de junho	Suécia	3 x 2	Gotemburgo, Suécia
4 de julho	AIK	4 x 2	Estocolmo, Suécia
6 de julho	Malmö	3 x 1	Malmö, Suécia

O BRASIL EM 1966

Uma brasa, mora

Em 31 de março de 1964, os militares haviam derrubado o presidente Jango, tomado o poder e prometido eleições livres assim que o país fosse colocado em ordem. O primeiro presidente nomeado pelas Forças Armadas foi o marechal cearense Humberto de Alencar Castello Branco, que ficou no poder de abril de 1964 a março de 1967. Portanto, no começo de 1966, Castello Branco, aos 66 anos, estava colocando ordem na casa e não tinha tempo para se preocupar com o futebol. Mas isso durou pouco: em 1970, o governo militar encampou a Seleção, enquanto as prometidas eleições livres demoraram um pouquinho mais (25 anos). Acompanhando as transformações culturais que vinham rolando pelo mundo, o Brasil de 1966 já era bem diferente do Brasil de 1962. A música mais executada no rádio em 1962 tinha sido "Fica Comigo Esta Noite", um bolerão na voz de Nelson Gonçalves. O hit de 1966 foi "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno", de Roberto Carlos, o rei da Jovem Guarda. Em 1966, ninguém mais se vestia como em 1962, nem falava como em 1962, nem pensava como em 1962.

Os últimos cortes

Apesar da proximidade da Copa, as experiências continuavam. Apenas três jogadores participaram dos últimos três amistosos na Suécia: Lima, Pelé e Gérson. Mas Gérson se machucou no segundo tempo do jogo contra o Malmö e ficou sem condições de atuar na estréia no Mundial, dali a oito dias. No dia 1º de julho, em Gotemburgo, foram anunciados os últimos cinco cortes. E, para surpresa geral, Servílio, centroavante do Palmeiras, que tinha sido escalado ao lado de Pelé em cinco dos oito amistosos de que Pelé participara, voltou para o Brasil. Dino, do Corinthians, Valdir, do Palmeiras, Fontana, do Vasco, e Amarildo, do Milan, foram os outros degolados. Criticada, a comissão técnica fez uma espécie de voto de silêncio, deixando, dali em diante, de dar declarações quanto a seus critérios.

Os "sobreviventes" de 1966

No início, eram 45 os convocados para a Copa de 1966, na Inglaterra. Depois, mais dois foram chamados. E, pouco a pouco, vários foram sendo cortados. Até que ficaram apenas 22 "sobreviventes" para disputar o Mundial. Incrivelmente, o volante Zito, contundido com alguma seriedade, foi inscrito na lista final, embora o doutor Hilton Gosling já tivesse alertado a comissão técnica de que as chances de ele se recuperar eram mínimas. Assim, a Seleção ficou sem Zito e sem seu possível substituto, Dino, que já tinha sido cortado. Por outro lado, Edu foi o mais jovem jogador brasileiro a ser inscrito numa Copa do Mundo. Natural de Jaú, no interior de São Paulo, Edu tinha 16 anos e 10 meses na data da inscrição. Pelé, até então o mais jovem, já tinha completado 17 anos quando foi inscrito em 1958. Confira a delegação canarinho.

Orlando, Manga, Brito, Denílson, Rildo e Fidélis (em pé); o massagista Mario Américo, Jairzinho, Lima, Silva, Pelé e Paraná (agachados): pose para a posteridade antes da derrota por 3 x 1 para Portugal

Goleiros

Gilmar dos Santos Neves, 35 anos (22 de agosto de 1930), do Santos
Manga (Ailton Corrêa Arruda), 29 anos (26 de abril de 1937), do Botafogo

Laterais e zagueiros

Djalma Santos, 37 anos (27 de fevereiro de 1929), do Palmeiras
José Maria **Fidélis** dos Santos, 22 anos (13 de março de 1944), do Bangu
Hideraldo Luiz **Bellini**, 36 anos (7 de junho de 1930), do São Paulo
Hércules **Brito** Ruas, 26 anos (9 de agosto de 1939), do Vasco
Orlando Peçanha de Carvalho, 30 anos (20 de setembro de 1935), do Santos
Altair Gomes Figueiredo, 28 anos (22 de janeiro de 1938), do Fluminense
Rildo da Costa Menezes, 24 anos (23 de janeiro de 1942), do Botafogo
Paulo Henrique Souza de Oliveira, 23 anos (5 de janeiro de 1943), do Flamengo

Volantes e armadores

Zito (José Ely de Miranda), 33 anos (8 de agosto de 1932), do Santos
Denílson Custódio Machado, 23 anos (28 de março de 1943), do Fluminense
Gérson de Oliveira Nunes, 25 anos (11 de janeiro de 1941), do Botafogo
Antônio **Lima** dos Santos, 24 anos (18 de janeiro de 1942), do Santos

Atacantes

Garrincha (Manoel Francisco dos Santos), 32 anos (28 de outubro de 1933), do Corinthians
Jairzinho (Jair Ventura Filho), 21 anos (25 de dezembro de 1944), do Botafogo
Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade), 19 anos (25 de janeiro de 1947), do Cruzeiro
Pelé (Edison Arantes do Nascimento), 25 anos (23 de outubro de 1940), do Santos
Walter Machado da **Silva**, 26 anos (2 de janeiro de 1940), do Flamengo
Alcindo Martha de Freitas, 21 anos (31 de março de 1945), do Grêmio
Paraná (Ademir de Barros), 24 anos (21 de março de 1942), do São Paulo
Edu (Jonas Eduardo Américo), 16 anos (6 de agosto de 1949), do Santos

Comissão técnica

Chefe: João Havelange
Supervisor: Carlos Nascimento
Técnico: Vicente Feola
Técnico de campo: Paulo Amaral
Médico: Hilton Gosling
Observador: Ernesto dos Santos
Preparador físico: Rudolf Hermanny
Tesoureiro: Abrahim Tebet
Dentista: Mário Trigo de Loureiro
Massagistas: Mario Américo e Santana
Roupeiro: Francisco de Assis
Sapateiro: Aristides Pereira

Haja esperança

À medida que se aproximava o dia da estréia, surgiam algumas críticas – mas o clima de euforia ainda era maior do que a realidade

Em maio de 1966, o juiz Armando Marques – na época, o melhor do Brasil e o único indicado para apitar na Copa – já havia dado duas declarações pertinentes, mas nenhuma das duas foi levada a sério. A primeira: "Em futebol, a Inglaterra não é nada, mas o inglês é o povo mais vivo do mundo. Se a gente bobear, eles ficam com a Copa". E a segunda: "A Copa vai ser tão difícil que meu maior medo é não passarmos nem das oitavas-de-final". Creditadas mais ao seu "jeito armandinho de ser", as proféticas e certeiras previsões foram recebidas com descaso ou ironia.

CELIO APOLINARIO

Armandinho: "Se a gente bobear, os ingleses ficam com a Copa"

O regulamento da Copa foi igual ao de 1962: quatro grupos de quatro times, com o campeão e o vice passando para as quartas-de-final. Em caso de empate, decisão por *goal average*. O sorteio para a composição dos grupos foi feito em Londres, em 6 de janeiro de 1966, com transmissão direta pela TV para a Europa. Houve duas preocupações iniciais: a de evitar que Inglaterra e Brasil caíssem no mesmo grupo e a de garantir que os quatro países sul-americanos ficassem em chaves diferentes. Funcionou bem, pois nenhuma delas ficou forte (ou fraca) demais.

No Brasil, uma semana antes do sorteio, o doutor Paulo Machado de Carvalho tinha declarado: "Não há preferência de adversários e não adianta ficar torcendo para ser Coréia ou Portugal". Mas, para alegria de nossos dirigentes, Portugal – considerado uma baba – caiu no grupo do Brasil.

No dia 7 de julho, depois de disputar seis amistosos na Europa e de definir (finalmente) o grupo de 22 atletas que iriam ao Mundial, a delegação seguiu de avião de Malmö, na Suécia, para Manchester, na Inglaterra. E lá tomou um trem para Liverpool. A concentração do Brasil ficava em Lymm, a 38 quilômetros da cidade dos Beatles. E os jornalistas brasileiros, surpresos, descobriram que não havia um campo de futebol decente em Lymm. O gramado mais próximo – o do Wanderers – ficava a 30 quilômetros de distância.

No mesmo 7 de julho – uma semana antes da estréia contra a Bulgária –, o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, publicou uma declaração do observador da Seleção, Ernesto dos Santos: "Se os brasileiros encararem a realidade, chegarão à conclusão de que o tricampeonato só virá por um milagre". Na mesma matéria, o comedido Dino Sani, após ser cortado, **desabafava:** "O Brasil dificilmente passará por Portugal e Hungria". Na antevéspera da estréia, *A Gazeta Esportiva*, de São Paulo, prevenia que as coisas não andavam tão bem quanto os 80 milhões de brasileiros acreditavam. Contusões inesperadas, desentendimentos entre jogadores e, principalmente, decisões erradas de uma comissão técnica despersonalizada ameaçavam o tri. Mas, prosseguia o jornal, dentro de campo nossos craques saberiam superar todas as dificuldades. Haja esperança.

Na entrevista ao *Correio do Povo*, Dino Sani afirmou que muita gente boa havia ficado de fora do grupo de 22 escolhidos para disputar a Copa. Entre as maiores perdas, segundo ele, estavam Carlos Alberto e Djalma Dias. Além disso, "muitos atletas sem condições técnicas ou psicológicas" estariam em campo no Mundial da Alemanha, na opinião do jogador.

Templos da bola

Oito estádios foram utilizados na Copa de 1966. Quatro deles haviam sido construídos no século 19 e outros três, na primeira década do século 20. Wembley, o mais novo, já tinha 43 anos de história e originalmente era chamado de Empire Stadium, por ter sido construído para uma feira. Todos os seis jogos do grupo I deveriam ser disputados em Wembley. Mas lá, para o dia 15 de julho, estava programado o tradicional desfile anual de cães da raça labrador. E os responsáveis pelo estádio preferiram manter a tradição. Assim, uma partida foi disputada no White City, construído para os Jogos Olímpicos de 1908 e que era utilizado para competições de atletismo.

Cidade	Estádio	Capacidade	Jogos
Londres	Wembley	100 000	9
Liverpool	Goodison Park	60 000	5
Sheffield	Hillsborough	40 000	4
Sunderland	Roker Park	32 000	4
Birmingham	Villa Park	43 000	3
Manchester	Old Trafford	32 000	3
Middlesbrough	Ayresome Park	25 000	3
Londres	White City	40 000	1

O Mundial, jogo a jogo

Oitavas-de-final

GRUPO I **FRANÇA, INGLATERRA, MÉXICO e URUGUAI**

Nunca aos domingos

Esta foi a primeira Copa sem jogos aos domingos. Nas Ilhas Britânicas, por motivos religiosos, não se praticavam esportes nesse dia e a proibição havia sido oficializada pela Federação Inglesa em 1949. Só em 1973 os Campeonatos Britânicos adotaram o universal lema "domingo é dia de futebol".

INGLATERRA 0 x 0 URUGUAI

Data: 11 de julho de 1966, segunda-feira
Horário: 19h30
Estádio: Wembley, em Londres
Público: 87 150 pessoas
Inglaterra – *Banks, Cohen, Jack Charlton, Bobby Moore e Wilson; Stiles e Bobby Charlton; Ball, Greaves, Hunt e Connely.*
Técnico: Alf Ramsey
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubina, Troche, Manicera e Caetano; Gonçalvez e Viera; Cortes, Pedro Rocha, Hector Silva e Peres.*
Técnico: Ondino Viera
Juiz: Istvan Zsolt (Hungria)
Auxiliares: Bakhramov (União Soviética) e Rumentchev (Bulgária)

Ai, que sono!

Inglaterra e Uruguai disputaram uma das partidas mais sonolentas da história. O Uruguai fechado na defesa e a Inglaterra trocando bolas sem encontrar brechas. A rigor, não foi criada sequer uma chance de marcar.

Família de boleiros

No time francês, atuou o lateral Jean Djorkaeff, do Lyon, pai de Youri Djorkaeff, que seria campeão mundial em 1998, na Copa disputada na França.

FRANÇA 1 x 1 MÉXICO

Data: 13 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 19h30
Estádio: Wembley, em Londres
Público estimado: 55 000 pessoas
Gols: *Borja* (40 do 1º); *Hausser* (17 do 2º)
França – *Aubour, Djorkaeff, Artelesa, Budzinski e De Michelle; Herbin, Bosquier e Bonnel; Combin, Gondet e Hausser.*
Técnico: Henri Guérin
México – *Calderón, Chaires, Peña, Nuñez e Hernandez; Reyes, Mercado e Diaz; Padilla, Fragoso e Borja.*
Técnico: Ignacio Telles
Juiz: Menachem Ashkenazi (Israel)
Auxiliares: Galba (Tchecoslováquia) e Campos (Portugal)

Festa mexicana

A melhor estréia do México em Copas – nas cinco participações anteriores, cinco derrotas. Mas em 1966 o país contou com a colaboração de uma das mais fracas seleções que a França montou para um Mundial. Enrique Borja fez 1 gol num contra-ataque e Gérard Hausser empatou no único cochilo da defesa mexicana.

Troca-troca

O ataque uruguaio ganhou potência com a estréia do centroavante titular, Francisco Sasia, do Defensor de Montevidéu. E o ataque francês sumiu com a ausência do argentino naturalizado Nestor Combin.

Au revoir

Com a derrota, a França praticamente se despediu da Copa. Para continuar, precisava vencer a Inglaterra – e eliminar os ingleses, fato que não estava nos planos da Fifa.

URUGUAI 2 x 1 FRANÇA

Data: 15 de julho de 1966, sexta-feira
Horário: 19h30
Estádio: White City, em Londres
Público: 39 570 pessoas
Gols: *De Bourgoing* (pênalti, 15), *Pedro Rocha* (26) e *Cortes* (31 do 1º)
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubina, Troche, Manicera e Caetano; Gonçalvez e Viera; Cortes, Pedro Rocha, Sasia e Peres.*
Técnico: Ondino Viera
França – *Aubour, Djorkaeff, Artelesa, Budzinski e Simon; Bosquier, De Bourgoing e Bonnel; Herbet, Gondet e Hausser.*
Técnico: Henri Guérin
Juiz: Karol Galba (Tchecoslováquia)
Auxiliares: Marques (Brasil) e Callaghan (País de Gales)

Virada e retranca

Uma entrada estabanada de Troche sobre Herbet permitiu que a França, de pênalti, abrisse o marcador. Mas o Uruguai virou o jogo em 5 minutos e recuou para se defender. No segundo tempo, apenas Sasia ficou na frente.

INGLATERRA 2 x 0 MÉXICO

Data: 16 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Wembley, em Londres
Público: 85 000 pessoas
Gols: *Bobby Charlton* (38 do 1º); *Hunt* (30 do 2º)
Inglaterra – *Banks, Cohen, Jack Charlton, Bobby Moore e Wilson; Stiles e Bobby Charlton; Paine, Greaves, Hunt e Peters.*
Técnico: Alf Ramsey
México – *Calderón, Chaires, Del Muro, Peña, Nuñez e Hernandez; Reyes, Jauregui e Diaz; Padilla e Borja.*
Técnico: Ignacio Telles
Juiz: Concetto Lo Bello (Itália)
Auxiliares: Ashkenazi (Israel) e Ryong (Coréia do Norte)

"Queremos gols"

A Inglaterra só achou o gol no fim do primeiro tempo, com um chute longo de Bobby Charlton. No segundo tempo, com a torcida gritando "Queremos gols", o mesmo Bobby Charlton criou a jogada do segundo gol, concluída por Hunt depois de um passe de Greaves.

Ferrolho

O México tentou fugir de seu estilo já tradicional – jogo aberto e derrota com dignidade – e montou uma retranca. O técnico Ignacio Telles trocou o atacante Fragoso por um líbero, Del Muro, e ainda formou um meio campo com quatro volantes. Quase funcionou.

URUGUAI 0 x 0 MÉXICO

Data: 19 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 16h30
Estádio: Wembley, em Londres
Público estimado: 35 000 pessoas
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubina, Troche, Manicera e Caetano; Gonçalvez e Viera; Cortes, Pedro Rocha, Sasia e Peres.*
Técnico: Ondino Viera
México – *Carbajal, Chaires, Peña, Nuñez e Hernandez; Reyes, Mercado e Diaz; Cisneros, Padilla e Borja.*
Técnico: Ignacio Telles
Juiz: Bertil Loow (Suécia)
Auxiliares: Lo Bello (Itália) e Vicuña (Chile)

Sem se arriscar

O México retornou à formação mais ofensiva do primeiro jogo. Mas o empate classificava o Uruguai, que preferiu não se arriscar e segurou o 0 x 0. Assim, o México foi mais uma vez eliminado nas oitavas-de-final.

Cinco Copas

A partida entrou para a história pela presença do goleiro Antonio Carbajal, do Leon, que disputava sua quinta Copa. Carbajal é o goleiro mais vazado dos Mundiais – tomou 25 gols – mas conseguiu se despedir sem derrota, e sem levar gol. Um prêmio por sua longa jornada, que começara 16 anos antes, contra o Brasil, em 1950.

INGLATERRA 2 x 0 FRANÇA

Data: 20 de julho de 1966, quarta-feira
Horário: 19h30 horas
Estádio: Wembley, em Londres
Público: 92 500 pessoas
Gols: *Hunt* (39 do 1º); *Hunt* (31 do 2º)
Inglaterra – *Banks, Cohen, Jack Charlton, Bobby Moore e Wilson; Stiles e Bobby Charlton; Callaghan, Greaves, Hunt e Peters.*
Técnico: Alf Ramsey
França – *Aubour, Djorkaeff, Artelesa, Budzinski e Simon; Bosquier, Herbin e Bonnel; Herbet, Gondet e Hausser.*
Técnico: Henri Guérin
Juiz: Arturo Yamazaki (Peru)
Auxiliares: Galba (Tchecoslováquia) e Rumentchev (Bulgária)

Decepção francesa

A França precisava da vitória, mas Combin, seu único atacante competente, não se recuperou da contratura muscular sofrida na estréia. Mesmo assim, os franceses partiram para o ataque e a Inglaterra atuou como gostava, centralizando o jogo em Bobby Charlton. O primeiro gol surgiu de forma irregular: Jack Charlton cabeceou na trave e Hunt, impedido, completou. No segundo tempo, o volante Stiles deu uma violenta entrada por trás no francês Simon, tirando-o do jogo. Um minuto depois, com os franceses ainda chocados, Hunt fez o segundo. A decepcionante França ficou em último lugar no grupo.

Toca pro carequinha

Bobby Charlton, o craque inglês, exibia uma reluzente (e surpreendente) calvície. Afinal, ele tinha só 28 anos e corria como se tivesse 18.

Oitavas-de-final

GRUPO II **ALEMANHA OCIDENTAL, ARGENTINA, ESPANHA e SUÍÇA**

O primeiro favorito

Das 16 equipes que se apresentaram na primeira rodada, a Alemanha mostrou ser a mais equilibrada: tinha uma defesa sólida, um bom ataque e um excelente meio campo.

ALEMANHA OCIDENTAL 5 x 0 SUÍÇA

Data: 12 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 19h30
Estádio: Hillsborough, em Sheffield
Público: 36 130 pessoas
Gols: *Held* (16), *Haller* (20) e *Beckenbauer* (40 do 1º); *Beckenbauer* (7) e *Haller* (pênalti, 33 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Tilkowski, Hottges, Schulz, Weber e Schnellinger; Beckenbauer, Haller e Overath; Brulls, Seeler e Held.*
Técnico: Helmut Schön
Suíça – *Elsener, Grobety, Schneiter, Tachella e Fuhrer; Bani, Dürr e Odermatt; Hosp, Künzli e Schindelholz*
Técnico: Alfredo Foni
Juiz: Hugh Phillips (Escócia)
Auxiliares: Adair (Irlanda do Norte) e Loow (Suécia)

Craque revelação

O jogo mostrou a primeira revelação da Copa, o alemão Franz Beckenbauer, de 20 anos. Ao contrário dos volantes da época, que ficavam no desarme e na proteção à defesa, Beckenbauer partia de seu campo com a bola dominada para o ataque. Sem um esquema para marcá-lo, a defesa suíça permitiu que ele anotasse 2 gols.

Caça às *brujas*

Depois do jogo, a imprensa espanhola se pôs a questionar se o histórico problema de sua Seleção não estaria no desejo de agradar a todo mundo (os 11 jogadores espanhóis pertenciam a seis times diferentes), em vez de tomar o Real Madrid ou o Barcelona como base. Mas a teoria esbarrava na formação da Inglaterra: no time inglês, havia jogadores de oito equipes diferentes.

ARGENTINA 2 x 1 ESPANHA

Data: 13 de julho de 1966, quarta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Villa Park, em Birmingham
Público: 42 783 pessoas
Gols: *Artime* (20), *Pirri* (27) e *Artime* (34 do 2º)
Argentina – *Roma, Ferreiro, Perfumo, Albrecht e Marzolini; Solari, Rattin e Gonzalez; Onega, Artime e Mas.*
Técnico: Juan Carlos Lorenzo
Espanha – *Iribar, Sanchis, Gallego, Zoco e Eladio; Del Sol, Suarez e Pirri; Ufarte, Peiró e Gento.*
Técnico: José Villalonga
Juiz: Dimitar Rumentchev (Bulgária)
Auxiliares: Yamazaki (Peru) e Zecevic (Iugoslávia)

Mais um vexame

A Espanha contava com certo favoritismo, porque a Argentina havia perdido seus dois últimos amistosos na Europa antes da Copa, mas ela novamente decepcionou. A chuva que caía desde o dia anterior deixou o campo pesado e o toque de bola – o forte das duas equipes – ficou prejudicado. Assim, levou vantagem quem tinha mais força. E o destemido Artime aproveitou as duas chances que teve no segundo tempo.

Mexida geral

O técnico espanhol, José Villalonga, fez apenas duas substituições (uma delas, a entrada de Amancio, do Real Madrid, no lugar de Ufarte, do Atlético de Madrid – o Espanhol do Corinthians e do Flamengo). Já o técnico da Suíça, Alfredo Foni, campeão mundial como jogador pela Itália em 1938, mexeu com volúpia peninsular: trocou sete atletas e mudou a posição do oitavo, o lateral-esquerdo Fuhrer, que passou para a direita.

ESPANHA 2 x 1 SUÍÇA

Data: 15 de julho de 1966
Horário: 19h30
Estádio: Hillsborough, em Sheffield
Público: 32 030 pessoas
Gols: *Quentin* (29 do 1º); *Sanchis* (13) e *Amancio* (30 do 2º)
Espanha – *Iribar, Sanchis, Gallego, Zoco e Reija; Del Sol, Suarez e Pirri; Amancio, Peiró e Gento.*
Técnico: José Villalonga
Suíça – *Elsener, Fuhrer, Brodmann, Leimgruber e Stierli; Bani, Kuhn e Armbruster; Hosp, Gottardi e Quentin.*
Técnico: Alfredo Foni
Juiz: Tofik Bakhramov (União Soviética)
Auxiliares: Zsolt (Hungria) e Phillips (Escócia)

Vitória compulsória

Uma vitória praticamente compulsória da Espanha, não só porque precisava correr atrás do prejuízo, mas também porque a Suíça não tinha apresentado nada na estréia. A Suíça virou o primeiro tempo ganhando e a Espanha só despertou quando o lateral Manuel Sanchis partiu com a bola da defesa, atravessou todo o campo e empatou. A 15 minutos do fim, Amancio conseguiu o gol da vitória.

ALEMANHA OCIDENTAL 0x 0 ARGENTINA

Data: 16 de julho de 1966, sábado
Horário: 19h30
Estádio: Villa Park, em Birmingham
Público: 46 587 pessoas
Alemanha Ocidental – *Tilkowski, Hottges, Schulz, Weber e Schnellinger; Beckenbauer, Haller e Overath; Brulls, Seeler e Held.*
Técnico: Helmut Schön
Argentina – *Roma, Ferreiro, Perfumo, Albrecht e Marzolini; Solari, Rattin e Gonzalez; Onega, Artime e Mas.*
Técnico: Juan Carlos Lorenzo
Juiz: Konstantin Zecevic (Iugoslávia)
Auxiliares: Campos (Portugal) e Loow (Suécia)

Empate conveniente

A torcida alemã compareceu em peso e superlotou o velho estádio Villa Park, campo do Aston Villa. A Alemanha colocou duas bolas no travessão do goleiro Roma, mas o empate acabou sendo conveniente para ambas equipes, que foram para a última rodada empatadas na liderança do grupo, um ponto à frente da Espanha.

Não à violência

O argentino Jorge Albrecht, do San Lorenzo, foi expulso na metade do segundo tempo, e oito jogadores foram para o caderninho do juiz Zecevic – incluindo o estiloso Beckenbauer. No dia seguinte, Albrecht foi suspenso pelo comitê disciplinar. Além disso, o comitê intimou a Argentina a deixar de lado a violência. Os argentinos estranharam a discriminação, já que os alemães também tinham batido à vontade.

ARGENTINA 2 x 0 SUÍÇA

Data: 19 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 19h30
Estádio: Hillsborough, em Sheffield
Público: 31 440 pessoas
Gols: *Artime* (7) e *Onega* (36 do 2º)
Argentina – *Roma, Ferreiro, Perfumo, Calics e Marzolini; Solari, Rattin e Gonzalez; Onega, Artime e Mas.*
Técnico: Juan Carlos Lorenzo
Suíça – *Elsener, Fuhrer, Brodmann, Kuhn e Stierli; Bani, Gottardi e Armbruster; Hosp, Künzli e Quentin.*
Técnico: Alfredo Foni
Juiz: Joaquim Fernandes Campos (Portugal)
Auxiliares: Bakhramov (União Soviética) e Zsolt (Hungria)

Classificação pacífica

Sem violência, a Argentina teve calma para encontrar os furos no ferrolho suíço e garantir a passagem para as quartas-de-final. Artime aproveitou a única chance que teve e Daniel Onega definiu o marcador a 9 minutos do fim. Para continuar na Copa, a Espanha precisava vencer a Alemanha no dia seguinte.

ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 1 ESPANHA

Data: 20 de julho de 1966, quarta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Villa Park, em Birmingham
Público: 42 187 pessoas
Gols: *Fuste* (24) e *Emmerich* (39 do 1º); *Seeler* (38 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Tilkowski, Hottges, Schulz, Weber e Schnellinger; Beckenbauer, Kramer e Overath; Seeler, Held e Emmerich.*
Técnico: Helmut Schön
Espanha – *Iribar, Sanchis, Gallego, Zoco e Reija; Glaria e Fuste; Amancio, Adelardo, Marcelino e Lapetra.*
Técnico: José Villalonga
Juiz: Armando Marques (Brasil)
Auxiliares: Vicuña (Chile) e Ryong (Coréia do Norte)

Faltou conjunto

O técnico espanhol trocou praticamente todo o time do meio para a frente, colocando alguns jovens talentos que tinham ajudado o país a conquistar, no ano anterior, a Copa Européia de Seleções. Só que os 11 que entraram em campo jamais tinham treinado juntos e o melhor conjunto alemão prevaleceu sobre o esforço. A Alemanha foi beneficiado por 1 gol lotérico de Emmerich, empatando o jogo 15 minutos depois que Fuste tinha aberto o placar. O gol de Seeler, no fim do segundo tempo, surgiu quando a Espanha parecia exausta de tanto correr.

O *goal average*

De forma melancólica, a Fúria disse adeus a mais uma Copa. Pelo critério de desempate, o britânico *goal average* (quociente da divisão dos gols marcados pelos gols sofridos), a Alemanha ficou com a primeira colocação (*goal average* de 7) e a Argentina, com a segunda (*goal average* de 4).

Oitavas-de-final

GRUPO III **BRASIL, BULGÁRIA, HUNGRIA e PORTUGAL**

Decisão temerária

Pelé foi assunto de uma longa discussão entre a comissão técnica, no dia seguinte à estréia. Portugal havia acabado de vencer a Hungria e nosso camisa 10 estava todo dolorido. Carlos Nascimento, Vicente Feola e Paulo Amaral tomaram uma decisão temerária: a de poupar o craque no jogo seguinte, contra a Hungria, porque o confronto contra Portugal seria "muito mais difícil".

Dupla imbatível

Nos 8 anos e 31 jogos, oficiais ou não, em que Pelé e Garrincha estiveram lado a lado pela Seleção, o Brasil nunca perdeu.

BRASIL 2 x 0 BULGÁRIA

Data: 12 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 19h30
Estádio: Goodison Park, em Liverpool
Público: 47 308 pessoas
Gols: *Pelé* (14 do 1º); *Garrincha* (18 do 2º)
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Altair e Paulo Henrique; Denílson e Lima; Garrincha, Alcindo, Pelé e Jairzinho.*
Técnico: Vicente Feola
Bulgária – *Naydenov, Chalamanov, Penev, Vutzov e Kitov; Jetchev, Gagenelov, Dermendjiev e Kolev; Yakimov e Aspararukhov.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Juiz: Kurt Tschenscher (Alemanha Ocidental)
Auxiliares: McCabe (Inglaterra) e Taylor (Inglaterra)

Gol? Só de falta

Uma boa estréia, levando em conta o resultado. Mas abaixo do que a torcida brasileira esperava em termos técnicos. A Bulgária entrou com uma formação ultradefensiva e desde o primeiro minuto deixou claro que usaria de todos os recursos para parar Pelé. Assim, os 2 gols acabaram surgindo de cobranças de falta. A primeira por Pelé, num chute que atravessou a barreira e entrou no canto direito de Naydenov. E a segunda por Garrincha, num disparo com o lado de fora do pé direito, que fez uma curva incrível e entrou no ângulo esquerdo. Mas Garrincha, uma das esperanças do povo, pouco fez além do gol. No segundo tempo, o búlgaro Yakimov teve o desplante de tomar-lhe a bola e ainda aplicar três dribles curtos e seguidos em nosso Mané. O Brasil não foi caçado em campo. Mas Pelé foi. O juiz, porém, pouco fez além de

apitar as infrações. Só no segundo tempo, depois de já ter cometido nove faltas sobre Pelé, seu marcador, Jetchev, recebeu uma advertência. Pelo lado brasileiro, Denílson foi o que mais bateu – e foi duramente repreendido. Mas a vitória entrou para a história. Pelé fez o primeiro gol da Copa de 1966 e se tornou o primeiro a marcar em três Mundiais diferentes. E, embora ninguém desconfiasse, Pelé e Garrincha atuaram pela última vez juntos.

PORTUGAL 3 x 1 HUNGRIA

Data: 13 de julho de 1966, quarta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Old Trafford, em Manchester
Público: 29 886 pessoas
Gols: *José Augusto* (2 do 1º); *Bene* (14), *José Augusto* (20) e *Torres* (44 do 2º).
Portugal – *Carvalho, Baptista, Morais, Vicente e Hilário; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.*
Técnico: Oto Glória
Hungria – *Szentmihalyi, Kaposzta, Matrai, Meszoly e Sovari; Istvan Nagy, Sipos e Rakosi; Bene, Albert e Farkas.*
Técnico: Lajos Baroti
Juiz: Leo Callaghan (País de Gales)
Auxiliares: Clements (Inglaterra) e Howley (Inglaterra)

Entrosamento total

O que a Espanha sempre hesitou em fazer, Portugal fez sem nenhum pudor: escalou a defesa do Sporting e o ataque do Benfica. Apenas 2 dos 11 jogadores não pertenciam a um dos times. Trazendo de seus clubes um entrosamento natural, os portugueses só precisavam de uma coisinha para derrubar o nervosismo: 1 gol de saída. E ele veio. Portugal tomou conta do jogo e Eusébio, embora não tenha marcado, acertou duas vezes as traves húngaras. O gol de empate, de Bene, no segundo tempo, foi quase um acidente. Logo em seguida, José Augusto desempatou, numa falha do goleiro. E, no penúltimo minuto, o grandalhão Torres – de 1,94 metro, altura espantosa para a época – acertou uma de suas famosas cabeçadas.

HUNGRIA 3 x 1 BRASIL

Data: 15 de julho de 1966, sexta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Goodison Park, em Liverpool
Público: 51 387 pessoas
Gols: *Bene* (2) e *Tostão* (14 do 1º); *Farkas* (9) e *Meszoly* (pênalti, 19 do 2º)
Hungria – *Gelei, Kaposzta, Matrai, Meszoly e Szepesi; Mathesz, Sipos e Rakosi; Bene, Albert e Farkas.*
Técnico: Lajos Baroti
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Altair e Paulo Henrique; Lima e Gérson; Garrincha, Alcindo, Tostão e Jairzinho.*
Técnico: Vicente Feola
Juiz: Kenneth Dagnall (Inglaterra)
Auxiliares: Howley (Inglaterra) e Yamazaki (Peru)

Desastre absoluto

Aos 2 minutos, o ponteiro Bene pegou uma bola na direita, deixou Altair sentado com um drible seco, correu sem cobertura para a pequena área e ainda cortou Bellini antes de chutar no canto esquerdo de Gilmar. Um golaço, desses que o Brasil não está acostumado a levar. Mas o susto passou logo. Aos 14 minutos, Lima cobrou uma falta, a bola espirrou na barreira e sobrou para Tostão. Com um chute de pé esquerdo, ele acertou o ângulo. Cinco minutos depois, Alcindo, o Bugre, perdeu 1 gol inacreditável, daqueles que não perdia no Grêmio. Sozinho na pequena área, com a bola à sua frente e o gol vazio, ele vacilou e o beque conseguiu chegar e dar um chutão. Não era mesmo o dia de Alcindo: aos 20 minutos do primeiro tempo, ele se machucou – torceu o tornozelo, sozinho – e perdeu boa parte da mobilidade. Ao contrário do futebol defensivo visto na Copa até então, Brasil e Hungria jogaram sem medo um do outro (no total, foram 56 ataques). Mas quem acertou o pé foi Farkas. Aos 9 minutos do segundo tempo, num cruzamento alto da direita, ele pegou um desses sem-pulos que só se acerta uma vez na vida, da linha da grande área. Gilmar nem se mexeu e a bola entrou. O gol animou os magiares e desorientou o escrete canarinho. Dez minutos depois, Paulo Henrique calçou Bene por trás, na área. E o capitão húngaro Meszoly cobrou o pênalti com irritante tranqüilidade, colocando a bola rasteira, junto à trave direita – com Gilmar estático no centro do gol. Faltavam ainda 25 minutos, mas daí em diante só a Hungria jogou.
Foi um pesadelo, mas poderia ter sido pior. Aos 33 minutos, o juiz anulou 1 gol legal da Hungria, graças ao bandeirinha Arturo Yamazaki, do Peru. Albert carregou a bola da intermediária até quase a marca do pênalti. Farkas surgiu de trás, pela esquerda, sem marcação, e, de pé esquerdo, colocou no ângulo de Gilmar. A defesa do Brasil não reclamou, mas o auxiliar levantou a bandeira apontando impedimento de Bene, fora do lance. Se o gol tivesse sido validado, os 4 x 1 teriam sido o pior resultado da Seleção em Copas.

Parecia fácil

Quando o sorteio indicou que a Hungria ficaria no grupo do Brasil, houve muita satisfação por estas bandas. Menos de dois meses antes, em 21 de novembro de 1965, enquanto a Seleção principal do Brasil enfrentava a União Soviética no Maracanã, a Seleção B, formada por jogadores de clubes paulistas, arrasava os húngaros no Pacaembu. O Brasil venceu por 5 x 3 (chegou a abrir 5 x 0) e a Hungria só mostrou um pouco de futebol no segundo tempo, quando Florian Albert entrou em campo e o jogo estava num ritmo bem mais lento. Naquele dia, o time canarinho foi Félix, Carlos Alberto, Djalma Dias, Procópio e Edílson; Lima e Nair (Rivelino); Marcos, Servílio, Prado (Coutinho) e Abel. Se uma equipe de segunda linha tinha feito aquele estrago, que devastação a Seleção titular não faria na Copa? Em relação à estréia contra a Bulgária, Feola fez duas alterações. Tostão substituiu Pelé, poupado. E Gérson, já recuperado, entrou na armação, com Lima recuando para volante e Denílson deixando o time. Na Hungria, dos 11 jogadores que entraram em campo em Liverpool, 10 haviam participado do confronto em São Paulo. Tudo indicava uma nova goleada brasileira, mas...

A única derrota

O Brasil deixou o campo derrotado, pela primeira vez depois de 12 anos e 13 jogos invicto em Mundiais – o último tropeço havia sido também para a Hungria, por 4 x 2, em 1954. Foi a última exibição de Garrincha pela Seleção: nas 58 partidas que disputou, desde 1955, o craque só perdeu uma, exatamente esta, a derradeira.

PORTUGAL 3 x 0 BULGÁRIA

Data: 16 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Old Trafford, em Manchester
Público: 25 483 pessoas
Gols: *Vutzov* (contra, 7) e *Eusébio* (38 do 1º); *Torres* (37 do 2º)
Portugal – *José Pereira, Baptista, Morais, Vicente e Hilário; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.*
Técnico: Oto Glória
Bulgária – *Naydenov, Chalamanov, Penev, Vutzov e Jetchev; Gagenelov, Dermendjiev e Jekov; Yakimov, Asparарukhov e Kostov.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Juiz: José Maria Codesal (Uruguai)
Auxiliares: Goicoechea (Argentina) e Tschenscher (Alemanha Ocidental)

O primeiro de Eusébio

Como a Bulgária precisava da vitória, o técnico Vytlacil tentou escalar um time mais ofensivo. Mas só tentou. Novamente, Portugal fez 1 gol no início, com o precioso auxílio do búlgaro Vutzov. E Torres, de novo de cabeça, marcou o seu no fim. Entre as duas coisas, Eusébio fez seu primeiro gol na Copa. A vitória portuguesa deixou o Brasil em situação periclitante. Depois de duas rodadas, Portugal tinha 4 pontos, Brasil e Hungria tinham 2 e a Bulgária, nenhum. Como a Hungria enfrentaria a Bulgária um dia após Brasil x Portugal, os húngaros entrariam em campo sabendo do resultado que precisariam. Pior, diziam os alarmistas, Hungria e Bulgária eram países socialistas e os búlgaros não teriam vergonha de permitir que os húngaros marcassem quantos gols fossem necessários. Assim, o Brasil só tinha uma chance: eliminar Portugal. Para isso, não bastava ganhar. Era preciso ganhar de muito. Portugal tinha 6 gols a favor e 1 contra (*goal average* de 6). O Brasil tinha 3 a favor e 3 contra (*goal average* de 1). Ou seja, a vitória tinha de ser por 3 ou mais gols de diferença. Pelas ruas brasileiras, correram desavisados rumores de que os portugueses, nossos irmãos, entregariam o jogo, numa espécie de harakiri lusitano. Numa situação dessas, é fácil entrar em pânico, e foi exatamente o que a comissão técnica fez. Na véspera da partida, Havelange, Nascimento, Feola e Paulo Amaral se reuniram para discutir o que fazer. A reunião – talvez a mais longa da história do nosso futebol – só terminou às 3 da madrugada, e com um impasse. Até ali, Feola já havia sido convencido por seus pares a dar uma mexida radical na equipe. Apenas dois jogadores que atuaram contra a Hungria permaneceriam na equipe: Lima e Jairzinho. Os outros nove seriam substituídos. E, como se a situação já não fosse totalmente ridícula, havia uma discórdia na ponta-esquerda: Feola queria Paraná, o resto da comissão técnica preferia Tostão. Havelange, consultado, respondeu que a decisão final seria de Carlos Nascimento. Acuado, Feola entregou o cargo e ameaçou abandonar a concentração imediatamente. Prevendo o tamanho do escândalo, a comissão técnica capitulou e Feola escalou Paraná.

Eusébio: o craque português fez um dos gols contra a Bulgária

PORTUGAL 3 x 1 BRASIL

Data: 19 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 19h30
Estádio: Goodison Park, em Liverpool
Público: 58 479 pessoas
Gols: *Simões* (15) *e Eusébio* (26 do 1º); *Rildo* (28) e *Eusébio* (40 do 2º)
Portugal – *José Pereira, Baptista, Morais, Vicente e Hilário; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.*
Técnico: Oto Glória
Brasil – *Manga, Fidélis, Brito, Orlando e Rildo; Denílson e Lima; Jairzinho, Silva, Pelé e Paraná.*
Técnico: Vicente Feola
Juiz: George McCabe (Inglaterra)
Auxiliares: Callaghan (País de Gales) e Dagnall (Inglaterra)

"A pior Seleção"

Na véspera, o sempre respeitoso técnico Oto Glória declarou: "O Brasil tem o melhor futebol do mundo. Mas essa é uma de suas piores seleções". A única boa notícia é que Pelé jogaria. Por isso, no dia do jogo, o jornal paulistano *Notícias Populares* saiu-se com uma manchete brilhante: "Pelé, Jogai Por Nós". Mas o peso da responsabilidade foi demais para alguns jogadores, entre eles o goleiro Manga. Aos 15 minutos, ele saiu para cortar um cruzamento de Eusébio da esquerda, mas deu uma deixadinha de vôlei na bola, colocando-a exatamente na cabeça de Simões, bem à sua frente: 1 x 0. Onze minutos depois, novo cruzamento. Torres cabeceou para a pequena área, Manga ficou parado e Eusébio, também de cabeça, fez 2 x 0. Faltavam ainda dois terços do jogo, mas o Brasil, para continuar na Copa, precisava de marcar 5 gols. Marcou 1, com Rildo aparecendo pela meia esquerda e chutando rasteiro e cruzado, aos 28 minutos do segundo tempo. Mas, muito antes disso, as esperanças brasileiras já tinham virado fumaça: aos 31 minutos do primeiro tempo, o zagueiro Morais havia tirado Pelé do jogo, com duas violentas entradas no mesmo lance. O juiz McCabe, britanicamente, apontou o local da falta e ficou só olhando, enquanto Mario Américo e o doutor Hilton Gosling entravam desesperados no gramado e carregavam Pelé para fora. No vestiário, Pelé fez uma infiltração e só voltou aos 4 minutos do segundo tempo, com o joelho enfaixado. E passou a etapa final capengando. A 5 minutos do fim, Eusébio, quase sem ângulo, chutou entre Manga e a trave esquerda e fez 3 x 1. Após o jogo, no Rio de Janeiro, numa concorrida cerimônia pública na Cinelândia, a comissão técnica foi simbolicamente enforcada. Mas ainda restava um fiozinho de esperança: uma vitória da Bulgária sobre a Hungria. E por 3 x 0. Pelo critério do *goal average*, esse resultado – e só esse – classificaria o Brasil. Restava apenas esperar e acender as velas...

Poucas faltas

Até hoje se comenta a "extrema violência" de Portugal. Mas os números não mostram isso: nos 31 minutos em que esteve inteiro, Pelé sofreu 3 faltas. No jogo todo, Portugal fez 17 infrações, 6 delas sobre Paraná. E o Brasil cometeu 16 faltas, 6 delas sobre Eusébio. A violência se resumiu ao lance criminoso de Morais. E a uma costela quebrada de Silva, no fim do jogo, numa disputa aparentemente normal.

Substituições

Após o jogo, Pelé, majestosamente, cumprimentou os portugueses, num reconhecimento de que o Brasil perdera para os próprios erros. Mas sua contusão gerou um benefício futuro. Dois dias depois, o comitê organizador propôs à Fifa que, a partir da Copa de 1970, fossem permitidas substituições durante os jogos (uma regra que já existia desde 1958, mas ainda não tinha sido adotada nos Mundiais).

Oito anos e oito dias

Em São Paulo, Paulo Machado de Carvalho, chorando, declarou: "O que se levou oito anos para fazer pelo futebol do Brasil foi destruído em oito dias". E, de Liverpool, João Havelange prometeu "urgente remodelação de métodos". Mas os dirigentes, em sua já arraigada mania de não assumir responsabilidades nas derrotas, haviam encontrado a desculpa da vez: a violência dos adversários. Como se os brasileiros não estivessem levando pontapés desde 1914.

HUNGRIA 3 x 1 BULGÁRIA

Data: 20 de julho de 1966, quarta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Old Trafford, em Manchester
Público: 22 060 pessoas
Gols: *Aspararukhov* (14), *Davidov* (contra, 42) e *Meszoly* (44 do 1º); *Bene* (9 do 2º)
Hungria – *Gelei, Kaposzta, Matrai, Meszoly e Szepesi; Mathesz, Sipos e Rakosi; Bene, Albert e Farkas.*
Técnico: Lajos Baroti
Bulgária – *Simeonov, Largov, Penev, Vutzov e Jetchev; Gagenelov, Davidov e Kolev; Yakimov, Aspararukhov e Kotkov.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Juiz: Roberto Goicoechea (Argentina)
Auxiliares: Gardeazabal (Espanha) e Codesal (Uruguai)

Esperança vã

Quando, logo aos 14 minutos, Aspararukhov fez o primeiro – e único – gol da Bulgária na Copa, os corações começaram a bater mais forte no Brasil. O técnico búlgaro havia reforçado o ataque, escalando um atacante como lateral-direito, e o time parecia mesmo determinado a não entregar o jogo e a partir para cima da Hungria. Mas as ilusões se desfizeram em 2 minutos: aos 42, Davidov cabeceou contra o próprio gol, empatando o jogo, e aos 44, Meszoly fez 2 x 1 para a Hungria. Quando Bene marcou o terceiro, aos 9 minutos do segundo tempo, todo mundo desligou o rádio do lado de cá do Atlântico. Após a derrota para Portugal, o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, já tinha escrito: "Por mais pessimistas que pudéssemos ser na véspera do Mundial, nunca poderíamos esperar um fim tão melancólico". Nunca mesmo. Tanto que, dos 5 000 brasileiros que foram à Inglaterra ver a Copa, mais de 4 000 decidiram voltar assim que a eliminação foi confirmada, criando transtornos no aeroporto de Gatwick e nos balcões das empresas aéreas. Em Fortaleza, uma gripe epidêmica – cujos sintomas eram a depressão e a sonolência – foi batizada de Feola.

Oitavas-de-final

GRUPO IV **CHILE, CORÉIA DO NORTE, ITÁLIA e UNIÃO SOVIÉTICA**

UNIÃO SOVIÉTICA 3 x 0 CORÉIA DO NORTE

Data: 12 de julho de 1966
Horário: 19h30
Estádio: Ayresome Park, em Middlesbrough
Público: 23 006 pessoas
Gols: *Malofeev* (31) e *Banishevski* (32 do 1º); *Malofeev* (43 do 2º)
União Soviética – *Kavasashvili, Ponomarev, Shesternev, Khurtzilava e Ostrovski; Szabo e Sichinava; Chislenko, Malofeev, Banishevski e Khusianov.*
Técnico: Nikolai Morozov
Coréia do Norte – *Li Chan Myung, Pak Li Sup, Lim Zoong Sun, Kang Bong Chil e Shin Yung Kyoo; Im Seung Hwi, Han Bong Zin e Pak Doo Ik; Pak Seung Zin, Kang Ryong Woon e Kim Seung Il.*
Técnico: Myung Re Hyun
Juiz: Juan Gardeazabal (Espanha)
Auxiliares: Kandil (República Árabe Unida) e Codesal (Uruguai)

Nada de moleza

A Coréia do Norte era uma Seleção que praticamente ninguém conhecia, formada por atletas mirrados – a média de altura era de 1,61 metro. Mas, desde o primeiro minuto do jogo, a União Soviética surpreendeu pela postura enérgica (às vezes, até violenta) de seus jogadores. Firmes e concentrados, os soviéticos abriram 2 gols de vantagem em apenas 1 minuto, aos 31 e 32 do primeiro tempo. E continuaram a atuar seriamente até conseguir o terceiro e decisivo gol, a 2 minutos do fim da partida. Havia, entretanto, um motivo para esse excesso de zelo.
Na preparação para a Copa, a Seleção da Coréia do Norte tinha disputado um par de amistosos na União Soviética. E, num deles, vencera o poderoso Spartak de Moscou por 2 x 0. Assim, os soviéticos eram os únicos que sabiam o perigo que a Coréia do Norte poderia representar. Nada disso, porém, chegou aos ouvidos de Itália e Chile, que continuaram com a falsa impressão de que ganhar dos norte-coreanos seria uma grande moleza.

ITÁLIA 2 x 0 CHILE

Data: 13 de julho de 1966, quarta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Roker Park, em Sunderland
Público: 27 199 pessoas
Gols: *Mazzola* (10 do 1º); *Barison* (43 do 2º)
Itália - *Albertosi, Burgnich, Rosato e Salvadore; Fachetti, Bulgarelli e Lodetti; Perani, Mazzola, Rivera e Barison.*
Técnico: Edmundo Fabbri
Chile - *Olivares, Eyzaguirre, Cruz, Figueroa e Villanueva; Prieto, Marcos e Fouilloux; Araya, Tobar e Leonel Sanchez.*
Técnico: Luis Alamos
Juiz: Gottfried Dienst (Suíça)
Auxiliares: Kreitlein (Alemanha Ocidental) e Finney (Inglaterra)

Devagar, bem devagar

Era a primeira vez que Chile e Itália se encontravam depois da infame batalha travada em Santiago, na Copa de 1962. Correram rumores de que os italianos preparavam uma vingança pelos maus-tratos sofridos quatro anos antes, mas nada aconteceu. O jogo não foi apenas calmo, foi devagar. E a Itália conseguiu a vitória com 1 gol no começo do jogo e outro no fim.

Ordem alfabética

Itália e Chile não estiveram de acordo apenas quanto à lentidão do jogo; ambas as comissões técnicas haviam numerado seus jogadores por ordem alfabética - o que, no caso do Chile, fez com que o atacante Pedro Araya, do Universidad, vestisse a camisa 1. Apesar da derrota, o destaque chileno foi o jovem zagueiro central Elias Figueroa, então com 19 anos, do Santiago Wanderers - que, na década de 1970, fez grande sucesso no Brasil jogando pelo Inter de Porto Alegre.

CHILE 1 x 1 CORÉIA DO NORTE

Data: 15 de julho de 1966, sexta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Ayresome Park, em Middlesbrough
Público: 13 792 pessoas
Gols: *Marcos* (pênalti, 26 do 1º); *Pak Seung Zin* (43 do 2º)
Chile - *Olivares, Valentini, Cruz, Figueroa e Villanueva; Prieto, Marcos e Fouilloux; Araya, Landa e Leonel Sanchez.*
Técnico: Luis Alamos
Coréia do Norte - *Li Chan Myung, Pak Li Sup, Lim Zoong Sun, Oh Yoon Kyung e Shin Yung Kyoo; Im Seung Hwi, Han Bong Zin e Pak Doo Ik; Pak Seung Zin, Li Dong Woon e Kim Seung Il.*
Técnico: Myung Re Hyun
Juiz: Aly Kandil (República Árabe Unida)
Auxiliares: Crawford (Inglaterra) e Finney (Inglaterra)

Correria sem fim

Para o Chile, os norte-coreanos não apenas eram iguais, como também difíceis de ver, porque corriam sem parar. Assim, depois de 1 gol de pênalti no primeiro tempo - fruto de uma competente rasteira de Shin Yung em Marcos -, os chilenos sofreram para suportar a correria. O técnico chileno considerou o resultado "um desastre nacional". Mal sabia ele o que ainda estava por vir.

Estratégia boa

Na Coréia do Norte, a substituição de Kang Bong por Oh Yoon deve ter tido algum efeito estratégico, embora ninguém saiba qual foi.

O gol 700

A 2 minutos do fim, quando a situação parecia controlada, seis jogadores da Coréia do Norte surgiram do nada dentro da área chilena e Pak Seung Zin mandou a bola para as redes, empatando o jogo e entrando para os almanaques esportivos - foi o gol de número 700 da história das Copas.

UNIÃO SOVIÉTICA 1 x 0 ITÁLIA

Data: 16 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Roker Park, em Sunderland
Público: 27 793 pessoas
Gol: *Chislenko* (12 do 2º)
União Soviética - *Yashin, Ponomarev, Shesternev, Khurtzilava e Danilov; Szabo e Voronin; Chislenko, Malofeev, Banishevski e Khusianov.*
Técnico: Nikolai Morozov
Itália - *Albertosi, Burgnich, Rosato e Salvadore; Fachetti, Bulgarelli e Lodetti; Meroni, Mazzola, Leoncini e Pascutti.*
Técnico: Edmundo Fabbri
Juiz: Rudolf Kreitlein (Alemanha Ocidental)
Auxiliares: Kandil (República Árabe Unida) e Crawford (Inglaterra)

Cadê o ataque?

Um empate seria um ótimo resultado para a Itália, que ficaria com 3 pontos e mais um jogo para fazer, contra a incipiente Coréia do Norte. Assim, ele substituiu dois atacantes por um meio-campista e um lateral esquerdo. Deu certo no primeiro tempo, mas no início do segundo Chislenko fez 1 gol para a União Soviética. E a Itália ficou numa situação difícil: precisando atacar, mas sem ter ataque.

A hora das contas

Com a vitória, os soviéticos garantiram a classificação para as quartas-de-final. Para a Itália, mesmo com a derrota, a situação continuava confortável: uma vitória simples, por qualquer resultado, sobre a Coréia do Norte, assegurava a segunda vaga do grupo.

Chuva de tomates

Terminada a partidas, os surpreendentes norte-coreanos ficaram aguardando o resultado do jogo entre União Soviética e Chile para saber se continuariam na Copa. Enquanto isso, a delegação italiana seguiu de avião até Gênova - onde foi recebida com todo o repertório local de insultos mais uma chuva de tomates.

CORÉIA DO NORTE 1 x 0 ITÁLIA

Data:19 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 19h30
Estádio: Ayresome Park, em Middlesbrough
Público: 17 829 pessoas
Gol: *Pak Doo Ik* (41 do 1º)
Coréia do Norte - *Li Chan Myung, Ha Jung Won, Lim Zoong Sun, Oh Yoon Kyung e Shin Yung Kyoo; Im Seung Hwi, Han Bong Zin e Pak Doo Ik; Pak Seung Zin, Kim Bong Hwan e Yang Sung Kook.*
Técnico: Myung Re Hyun
Itália - *Albertosi, Landini, Guarnieri, Janich e Fachetti; Bulgarelli e Fogli; Perani, Mazzola, Rivera e Barison.*
Técnico: Edmundo Fabbri
Juiz: Pierre Schwinte (França)
Auxiliares: Adair (Irlanda do Norte) e Taylor (Inglaterra)

Ih, deu zebra

Um jogo que saltou direto para a história. Foi uma zebra do tamanho de um mastodonte: nas casas de apostas de Londres, o favoritismo da Itália era de 1 000 para 1. O técnico Fabbri fez sete alterações na equipe. Voltou o ataque que havia atuado contra o Chile, escalou o armador Romano Fogli, do Bologna, e formou uma defesa - em tese - mais ágil. O resultado foi um jogo com várias oportunidades de gol. Mas, desacostumados ao ritmo alucinante dos norte-coreanos, os italianos demoravam uma fração de segundo para concluir as jogadas. E acabavam prensados na hora do chute ou chutavam no corpo de um adversário que surgia de repente. Já o veloz ataque coreano trocava passes num ritmo de jogo eletrônico. Aos 41 minutos do primeiro tempo, a defesa

italiana rebateu uma bola e Pak Seung Zin devolveu de cabeça para a direita. Pak Doo Ik (tipógrafo, por profissão) dominou e, na corrida, chutou cruzado e rasteiro, no canto direito de Albertosi: 1 x 0. A Itália não se desesperou, talvez por imaginar que ninguém agüentaria manter o ritmo no segundo tempo. Mas os coreanos conseguiram. E a Itália, com um jogador a menos, não conseguiu marcar.

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 1 CHILE

Data: 20 de julho de 1966, quarta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Roker Park, em Sunderland
Público: 16 027 pessoas
Gols: *Porkuyan* (29) e *Marcos* (32 do 1º); *Porkuyan* (40 do 2º)
União Soviética - *Kavasashvili, Getmanov, Shesternev, Korneev e Ostrovski; Afonin e Voronin; Metreveli, Serebrianikov, Makarov e Porkuyan.*
Técnico: Nikolai Morozov
Chile - *Olivares, Valentini, Cruz, Figueroa e Villanueva; Prieto e Marcos; Araya, Yavar, Landa e Leonel Sanchez.*
Técnico: Luis Alamos
Juiz: John Adair (Irlanda do Norte)
Auxiliares: Clements (Inglaterra) e Schwinte (França)

Show dos reservas

Com a derrota da Itália, o Chile ficou com chances de se classificar. Com 1 ponto ganho, contra 3 dos norte-coreanos, se os chilenos vencessem os soviéticos por um simples 1 x 0 iriam para as quartas-de-final pelo critério do goal average. Não parecia difícil, afinal o Chile havia vencido a União Soviética na Copa de 1962 e os soviéticos, classificados, não tinham tanta motivação. Tanto que o técnico decidiu poupar quase todos os titulares. Mas, dentro de campo, as coisas não aconteceram conforme as previsões chilenas: os reservas soviéticos encararam o jogo como uma decisão, fecharam-se bem na defesa e conseguiram 2 gols em contra-ataques.

Quartas-de-final

Aqui termina uma Copa e começa outra. Dos quatro jogos das quartas-de-final, dois eram de alto risco: Inglaterra x Argentina e Alemanha x Uruguai. Se alguém sugerisse ao comitê de arbitragem a escalação de um juiz uruguaio para apitar o jogo da Argentina e de um argentino para comandar o confronto do Uruguai, o autor da sugestão seria internado por insanidade. Mas o comitê não viu nenhum problema em inverter a situação. Demonstrando, no mínimo, falta de sensibilidade – e com uma dúzia de bons juízes para escolher –, foi escalado um juiz alemão para apitar a partida da Inglaterra e um inglês para a da Alemanha. Pior ainda, o alemão, Rudolf Kreitlein, só havia feito um jogo na Copa, União Soviética x Itália, e sua atuação tinha sido considerada fraca. Assim, argentinos e uruguaios entraram em campo com uma justificada desconfiança de que havia algo estranho no ar. E nos apitos.

INGLATERRA 1 x 0 ARGENTINA

(1º do grupo I x 2º do grupo II)

Data: 23 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Wembley, em Londres
Público: 88 000 pessoas
Gol: *Hurst* (32 do 2º)
Inglaterra – *Banks, Cohen, Jack Charlton, Bobby Moore e Wilson; Stiles e Bobby Charlton; Ball, Hurst, Hunt e Peters.*
Técnico: Alf Ramsey
Argentina – *Roma, Ferreiro, Perfumo, Albrecht e Marzolini; Solari, Rattin e Gonzalez; Onega, Artime e Mas.*
Técnico: Juan Carlos Lorenzo
Juiz: Rudolf Kreitlein (Alemanha Ocidental)
Auxiliares: Dienst (Suíça) e Zsolt (Hungria)

Garfada à inglesa

A Argentina havia sido oficialmente avisada pelo comitê disciplinar da Fifa de que a violência não seria tolerada. Por outro lado, o médio Norbert 'Nobby' Stiles, da Inglaterra, havia se transformado numa celebridade nacional durante a Copa exatamente por sua capacidade de bater nos adversários. No jogo contra a França, Stiles havia dado uma entrada tão violenta em Simon que o francês teve de deixar o campo. Advertido pelo juiz, e mencionado no relatório, Stiles escapou ileso, sem sequer uma reprimenda do comitê disciplinar. Por isso, Antonio Rattin, o capitão da Argentina, entrou em campo com a missão de não permitir que o juiz visse as faltas de um lado só. O lance que definiu o jogo aconteceu no fim do primeiro tempo. Até então, Rattin vinha azucrinando o árbitro, dirigindo-se a ele – em castelhano – a cada decisão tomada. O alemão já advertira o médio argentino aos 21 minutos, como era feito na época em que não havia cartões amarelos – escrevendo seu nome no caderninho. Aos 36 minutos, após uma falta marcada contra a Argentina, perto da área inglesa, Rattin saiu correndo ao lado do juiz, enquanto a bola era reposta em jogo. Kreitlein parou e Rattin fez o gesto de tempo em basquete, mostrando sua braçadeira de capitão. Mas o juiz escreveu em seu relatório que já havia expulsado Rattin antes disso, quando o argentino tentou intimidá-lo aos berros. Quanto aos gestos posteriores, o árbitro escreveu que os considerou "desrespeitosos e obscenos". Rattin se recusou a sair e os argentinos cercaram o juiz, enquanto os ingleses se afastavam. O médico argentino entrou em campo, seguido pelo massagista. A partida ficou parada por 9 minutos, até que Rattin resolveu sair, caminhando lentamente pela lateral do campo. Na bandeirinha de escanteio, adornada com o pavilhão da Inglaterra, Rattin diminuiu o passo e tocou a flâmula, deixando os torcedores indignados, porque a cena aconteceu bem defronte à tribuna de honra em que sua majestade, a rainha, assistia ao jogo. Surpreendentemente, a Argentina voltou para o segundo tempo jogando bem, apesar da inferioridade numérica. E a Inglaterra só conseguiu 1 gol – legal – a 13 minutos do fim, com Hurst cabeceando um cruzamento de Peters.

Adeus, cordialidade

Quando o jogo acabou e os jogadores resolveram trocar os uniformes e esquecer as diferenças, o técnico inglês Alf Ramsey saiu em disparada e impediu Cohen de dar sua camisa a Perfumo. Em seguida, Ramsey declarou que os argentinos eram "animais". Enquanto isso, alguns jogadores da Argentina partiam para cima do juiz, que teve de sair para o vestiário escoltado pela polícia. Segundo o relatório, Ferreiro e Onega o empurraram. Na mesma noite, o comitê disciplinar da Fifa multou a Argentina em 1 000 francos suíços, suspendeu Rattin por quatro jogos internacionais e Ferrero e Onega, por três. Segundo a ata do comitê, "a conduta dos jogadores e dos dirigentes argentinos foi de absoluto desconhecimento do que sejam disciplina e boa ordem". No dia seguinte, os jornais ingleses não perdoaram. Segundo o *Sunday Mirror*, "Rattin e seus animais desonraram a Copa do Mundo". E o *Sunday Express* acompanhou: "A expulsão de Rattin foi uma das cenas mais repugnantes já vistas num campo de futebol". Na Argentina, os jornais chamaram a Fifa de "covil de ladrões". No resto do mundo, lamentaram a desastrada arbitragem.

"Arbitragens defeituosas"

Depois da partida, Cortes foi suspenso por seis jogos internacionais por ter dado um pontapé no juiz Finney na saída do campo. E Diego Lucero, decano jornalista da Argentina, tentou resumir a situação: "Se um sul-americano se classificasse para as semifinais, seríamos todos mortos". Mais equilibrado, o técnico uruguaio Ondino Viera preferiu a linha da diplomacia: "As arbitragens foram, no mínimo, defeituosas".

ALEMANHA OCIDENTAL 4 x 0 URUGUAI

(1º do grupo II x 2º do grupo I)

Data: 23 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Hillsborough, em Sheffield
Público: 33 750 pessoas
Gols: *Held* (12 do 1º); *Beckenbauer* (25), *Seeler* (31) e *Haller* (39 do 2º)
Alemanha – *Tilkowski, Hottges, Schulz, Weber e Schnellinger; Beckenbauer, Haller e Overath; Seeler, Held e Emmerich.*
Técnico: Helmut Schön
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubina, Troche, Manicera e Caetano; Gonçalvez e Salva; Cortes, Hector Silva, Pedro Rocha e Peres.*
Técnico: Ondino Viera
Juiz: Jim Finney (Inglaterra)
Auxiliares: Phillips (Escócia) e Kandil (República Árabe Unida)

Vítimas do apito

O segundo capítulo da novela juízes x países sul-americanos. O Uruguai começou melhor e chutou uma bola no travessão alemão aos 4 minutos. Mas, 2 minutos depois, a coisa começou a sair dos eixos. Pedro Rocha cabeceou para o gol, a bola passou pelo goleiro alemão e desviou na mão de Schnellinger. Em uma situação normal, o lance seria polêmico e haveria discussões quanto à interpretação do juiz. Mas aquela não era uma situação normal. Os uruguaios se convenceram de que havia mesmo uma conspiração e começaram a perder a cabeça. Para piorar, aos 12 minutos Held chutou para o gol uruguaio e a bola desviou em Haller no meio do caminho, enganando Mazurkiewicz: Alemanha 1 x 0. No resto do primeiro tempo o Uruguai bateu, a Alemanha revidou e o juiz não coibiu a violência. O intervalo pouco ajudou a refrescar as moringas e o segundo tempo começou pior ainda. Aos 4 minutos, Troche deu um pontapé em Emmerich e foi expulso. Aos 9 minutos, Hector Silva deu um carrinho em Haller e também saiu. Com nove em campo, o Uruguai resistiu só 15 minutos.

Isolamento

Portugal seguiu em frente, mas a eliminada Coréia do Norte é que saiu de campo aplaudida, de pé. Após a Copa, mesmo recebendo vários convites para amistosos na Europa, os norte-coreanos preferiram voltar para casa e se isolar atrás de suas fronteiras – e nunca mais deram sinais de seu surpreendente futebol. Só 35 anos depois, em 2002, dois cinegrafistas ingleses conseguiriam permissão para entrar no país e gravar um documentário, *The Game of Their Lives* (O Jogo de Suas Vidas) com o técnico e mais sete jogadores sobreviventes. Entre eles, Pak Doo Ik, o autor do gol contra a Itália, que agora treina garotos na capital, Pyongyang.

PORTUGAL 5 x 3 CORÉIA DO NORTE

(1º do grupo III x 2º do grupo IV)

Data: 23 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Goodison Park, em Liverpool
Público: 37 286 pessoas
Gols: *Pak Seung Zin* (1), *Li Dong Woon* (22), *Yang Sung Kook* (25) e *Eusébio* (27 e pênalti, 42 do 1º); *Eusébio* (12 e pênalti, 14) e *José Augusto* (40 do 2º)
Portugal – *José Pereira, Baptista, Morais, Vicente e Hilário; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.*
Técnico: Oto Glória
Coréia do Norte – *Li Chan Myung, Ha Jung Won, Lim Zoong Sun, Oh Yoon Kyung e Shin Yung Kyoo; Im Seung Hwi, Han Bong Zin e Pak Doo Ik; Pak Seung Zin, Li Dong Woon e Yang Sung Kook.*
Técnico: Myung Re Hyun
Juiz: Menachem Ashkenazi (Israel)
Auxiliares: Schwinte (França) e Galba (Tchecoslováquia)

Virada espetacular

A maior virada da história das Copas e a consagração de Eusébio, autor dos 4 primeiros gols portugueses. Mesmo tomando 1 gol logo no primeiro minuto de jogo, Portugal não deu mostras de preocupação. Afinal, os esquálidos norte-coreanos nem pareciam jogadores de futebol. Davam mais a impressão de ser personagens de desenho animado, movimentando-se numa velocidade alucinada. Paradoxalmente, a sorte de Portugal foi ter tomado mais 2 gols em 2 minutos. Eram 25 minutos do primeiro tempo quando os portugueses finalmente acordaram. E Eusébio chamou para si a responsabilidade, pedindo que Coluna e Jaime Graça colocassem a bola em seu pé, em vez de tentar lançamentos longos. Assim, em três lances de força e habilidade, e num pênalti sobre Torres, Portugal fez 4 x 3 e virou o jogo. Mas a tranqüilidade só veio aos 40 minutos do segundo tempo, quando José Augusto fez 5 x 3.

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 1 HUNGRIA
(1º do grupo IV x 2º do grupo III)

Data: 23 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Roker Park, em Sunderland
Público: 22 103 pessoas
Gols: *Chislenko* (5 do 1º); *Porkuyan* (2) e *Bene* (12 do 2º)
União Soviética - *Yashin, Ponomarev, Shesternev e Danilov; Szabo, Voronin, Chislenko e Khusianov; Malofeev, Banishevski e Porkuyan.*
Técnico: Nikolai Morozov
Hungria - *Gelei, Kaposzta, Matrai, Meszoly e Szepesi; Istvan Nagy, Sipos e Rakosi; Bene, Albert e Farkas.*
Técnico: Lajos Baroti
Juiz: Juan Gardeazabal (Espanha)
Auxiliares: Campos (Portugal) e Codesal (Uruguai)

O 'Sombra'

A vitória da União Soviética começou ainda nos vestiários, quando o técnico Morozov, num rasgo de incomum humildade, deu ao meia Voronin uma única tarefa: acompanhar Florian Albert, o arquiteto das jogadas húngaras, por todo o campo.

Um herói, outro vilão

Os personagens do jogo foram os dois goleiros: Yashin, que salvou os soviéticos, e Gelei, que entregou a Hungria. Antes que a partida esquentasse, Gelei já tinha deixado passar por baixo do corpo um chute sem muita força de Porkuyan - que Chislenko só empurrou para as redes. No segundo tempo, logo aos 2 minutos, Gelei ficou parado num cruzamento e Porkuyan tocou para o gol. Já Yashin voltou a ser o Aranha Negra, fazendo meia dúzia de defesas antológicas e recuperando parte da fama de melhor goleiro do mundo - que havia sido posta em dúvida na Copa de 1962.

Semifinais

Cotações nas bolsas de apostas de Londres na véspera das semifinais: Inglaterra e Portugal em primeiro para conquistar a Copa, pagando 5 por 2. Alemanha em terceiro, com 11 por 4. E União Soviética em quarto, com 7 por 2. Assim, na opinião dos apostadores, os dois maiores favoritos, Inglaterra e Portugal, jogariam entre si e quem ganhasse também conquistaria a Copa do Mundo. No outro jogo, ainda segundo as casas de apostas londrinas, a Alemanha venceria a União Soviética e terminaria como vice-campeã. E não é que aquele povo sabia mesmo o que estava falando?

ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 1 UNIÃO SOVIÉTICA

Data: 25 de julho de 1966, segunda-feira
Horário: 19h30
Estádio: Goodison Park, em Liverpool
Público: 43 920 pessoas
Gols: *Haller* (43 do 1º); *Beckenbauer* (22) e *Porkuyan* (43 do 2º)
Alemanha - *Tilkowski, Lutz, Schulz, Weber e Schnellinger; Beckenbauer, Haller e Overath; Seeler, Held e Emmerich.*
Técnico: Helmut Schön
União Soviética - *Yashin, Ponomarev, Shesternev e Danilov; Szabo, Voronin, Chislenko e Khusianov; Malofeev, Banishevski e Porkuyan.*
Técnico: Nikolai Morozov
Juiz: Concetto Lo Bello (Itália)
Auxiliares: Codesal (Uruguai) e Gardeazabal (Espanha)

Violência inesperada

Ninguém esperava, mas a partida foi violenta desde o primeiro apito de Concetto Lo Bello (sem dúvida, o árbitro com o nome mais sonoro da Copa). A primeira vítima foi o soviético Szabo, que torceu o tornozelo ao dar um carrinho em Beckenbauer. No último minuto do primeiro tempo, Chislenko, que já havia levado duas entradas maldosas, revidou com um pontapé em Held. E o juiz o expulsou. Na etapa final, a violência continuou e até os clássicos Voronin e Beckenbauer foram para a caderneta de Lo Bello. De positivo, apenas o belíssimo gol de Beckenbauer, de fora da área. A bola deu a impressão de que sairia, mas entrou no ângulo esquerdo de Yashin. Com 2 x 0 para a Alemanha, o jogo sossegou. Aos 43 minutos, numa falha de Tilkowski, Porkuyan fez o gol de honra.

Doping

Uma importante novidade introduzida na Copa de 1966 passou despercebida: o controle de doping. Pela primeira vez, amostras de urina foram colhidas nos vestiários, após os jogos, e analisadas em laboratórios. Dois jogadores de cada time eram escolhidos pelo juiz (caso ele percebesse algo anormal durante a partida) ou por sorteio. E tudo foi tratado de forma sigilosa: os resultados considerados normais não foram divulgados, assim como os nomes dos atletas que cederam seu xixizinho. Como nenhum teste deu positivo, o público quase nem ficou sabendo do processo.

INGLATERRA 2 x 1 PORTUGAL

Data: 26 de julho de 1966, terça-feira
Horário: 19h30
Estádio: Wembley, em Londres
Público: 94 493 pessoas
Gols: *Bobby Charlton* (30 do 1º); *Bobby Charlton* (34) e *Eusébio* (pênalti, 37 do 2º)
Inglaterra – *Banks, Cohen, Jack Charlton, Bobby Moore e Wilson; Stiles e Bobby Charlton; Ball, Hurst, Hunt e Peters.*
Técnico: Alf Ramsey
Portugal – *José Pereira, Baptista, Festa, José Carlos e Hilário; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.*
Técnico: Oto Glória
Juiz: Pierre Schwinte (França)
Auxiliares: Zecevic (Iugoslávia) e Yamazaki (Peru)

Cavalheiros demais

De acordo com a agenda da Copa, distribuída pela Fifa antes de o torneio começar, este jogo estava marcado para Liverpool, no estádio Goodison Park – ao qual Portugal já estava mais acostumado, porque ali havia vencido as seleções do Brasil e da Coréia do Norte. Mas, levando em consideração "o grande interesse" dos torcedores, e sem consultar os portugueses, a Fifa decidiu que a partida seria transferida para o estádio de Wembley, em Londres, onde a Inglaterra havia disputado seus quatro jogos anteriores. Ao contrário de Alemanha x União Soviética, esta semifinal foi um festival de gentilezas digno das donzelas da corte do rei Arthur. E muita gente acredita que foi exatamente por isso que Portugal perdeu. Impressionados com as sanções do comitê disciplinar e com os ataques dos jornais ingleses à selvageria dos sul-americanos, os portugueses resolveram mostrar que eram europeus e jogaram cavalheirescamente. Contribuiu para isso o fato de que os dois jogadores mais faltosos de Portugal, Vicente e Morais, estavam machucados e não puderam ser escalados pelo técnico Oto Glória. Em seus lugares entraram José Carlos e Festa. Mas festa mesmo quem fez foi Bobby Charlton, que desfilou pela intermediária de Portugal com uma primaveril tranqüilidade. No primeiro gol, aos 30 minutos do primeiro tempo, Wilson fez um lançamento longo para Hunt, mas o goleiro José Pereira saiu do gol e, precipitadamente, cortou com o pé. A bola sobrou para Charlton, sem marcação, tocar de fora da área para o fundo das redes. No segundo gol, aos 34 minutos da etapa complementar, Hurst, quase sobre a linha de fundo, tocou para trás. Novamente livre e solto, Charlton entrou correndo pela meia e chutou cruzado no canto direito de José Pereira. Três minutos depois, Torres cabeceou para o gol, mas o irmão de Bobby, Jack Charlton, tirou com a mão a bola que ia entrando. Com categoria, Eusébio bateu o pênalti e fez o gol. Aí, quase pedindo desculpas pela ousadia, Portugal foi ao ataque e criou duas boas chances para empatar. Numa delas, no último minuto, Banks salvou um gol certo num chute de Coluna. Os ingleses estavam na final contra os alemães e os gentis portugueses perderam a chance de sua vida de ganhar uma Copa.

Disputa do 3º lugar

PORTUGAL 2 x 1
UNIÃO SOVIÉTICA

Data: 28 de julho de 1966, quinta-feira
Horário: 19h30
Estádio: Wembley, em Londres
Público: 60 935 pessoas
Gols: *Eusébio* (pênalti, 13) e *Malofeev* (43 do 1º); *Torres* (44 do 2º)
Portugal – *José Pereira, Baptista, Festa, José Carlos e Hilário; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.*
Técnico: Oto Glória
União Soviética – *Yashin, Ponomarev, Korneev e Danilov; Khurtzilava, Voronin, Sichinava e Serebrianikov; Malofeev, Banishevski e Metreveli.*
Técnico: Nikolai Morozov
Juiz: Kenneth Dagnall (Inglaterra)
Auxiliares: Howley (Inglaterra) e Kandil (República Árabe Unida)

Festa e frustração

Na União Soviética, Szabo, arrebentado, e Chislenko, suspenso pela Fifa, não jogaram. Mas o técnico Nikolai Morozov teve de fazer outras três substituições de última hora, e uma delas foi muito apreciada por Portugal: a do capitão Shesternev, que tinha quase a mesma altura do centroavante Torres. Korneev, o escolhido para ocupar seu lugar, não era tão bom nas bolas altas, o ponto forte de Torres. Mas foram necessários 89 minutos até que, finalmente, a tão esperada jogada se materializasse: aos 44 do segundo tempo, Torres saltou mais que Korneev e, de cabeça, desempatou o jogo e deu o terceiro lugar para a Seleção de Portugal. Nos 88 minutos anteriores, porém, Portugal e União Soviética mostraram aquele desinteresse típico das disputas de terceiro lugar. Como consolação, Eusébio marcou seu terceiro gol de pênalti na Copa e terminou o torneio como artilheiro, com 9 tentos. Na terrinha, o vinho jorrou das barricas, mas ficou aquela pontinha de frustração. O terceiro lugar não deixava de ser "bestial". Mas, com um pouquinho mais de esforço, dava para ter levado o caneco para casa.

DE OLHO NA TAÇA

Willie the lion & Pickles the dog

A Copa de 1966 foi a primeira a ter uma mascote oficial, o leão Willie, vestido com a bandeira britânica. Criado a pedido do comitê organizador para ajudar a arrecadar fundos, Willie foi licenciado para vários produtos. E, meses antes da Copa, já era onipresente na Inglaterra. De bichos de pelúcia a latas de cerveja, ele estava em todo lugar – incluindo o cartaz oficial. Até que outro bicho roubou a cena. Em 20 de março de 1966, num episódio muito mal explicado, a taça Jules Rimet desapareceu. Ela estava em exibição, sem muita proteção policial, numa vitrine do Westminster Hall (onde ocorria uma mostra de filatelia). Uma semana depois, no dia 27, um cãozinho chamado Pickles passeava com seu dono, David Corbett, e farejou o troféu num jardim, embrulhado num jornal dentro de uma lata de lixo – ou, segundo outras versões, atrás de um arbusto. Por que alguém roubaria a taça para jogá-la fora é um mistério. E correram rumores de que o furto havia sido encenado, num golpe promocional. Mas o fato rendeu uma irônica manchete num jornal francês quatro meses depois, após a controvertida vitória inglesa na final contra a Alemanha: "Taça Jules Rimet roubada pela segunda vez no ano!".

Final

Faltou o Armandinho

A renda da partida foi de 560 000 dólares (ou quase dez vezes mais, em valores atualizados). A rainha Elizabeth II estava em Wembley e o primeiro-ministro Harold Wilson, também. Num espetáculo emocionante, a multidão entoou em uníssono "God Save The Queen", o hino nacional inglês. Com menos quórum no estádio, mas com igual entusiasmo, os alemães responderam com seu "Deutschland Über Alles". A decisão foi transmitida ao vivo pela BBC, a TV estatal inglesa, para 29 países, incluindo os Estados Unidos. No Brasil, um pequeno avanço: os tapes, que em 1962 passavam dois dias após os jogos, em 1966 eram exibidos já na noite seguinte. Na antevéspera do jogo, correu o boato de que Armando Marques estava cotado para ser um dos bandeirinhas. Mas era só boato. Uma pena, porque, se tivesse atuado, Armandinho poderia ter mudado a história da Copa de 1966.

INGLATERRA 4 X 2 ALEMANHA OCIDENTAL
(2 x 2 no tempo normal)

Data: 30 de julho de 1966, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Wembley, em Londres
Público: 96 920 pessoas
Gols: *Haller (12)* e *Hurst (18 do 1º); Peters (33)* e *Weber (44 do 2º); Hurst (12 do 1º da prorrogação); Hurst (14 do 2º da prorrogação)*
Inglaterra – *Banks, Cohen, Jack Charlton, Bobby Moore e Wilson; Stiles e Bobby Charlton; Ball, Hurst, Hunt e Peters.*
Técnico: Alf Ramsey
Alemanha – *Tilkowski, Hottges, Schulz, Weber e Schnellinger; Beckenbauer, Haller e Overath; Seeler, Held e Emmerich.*
Técnico: Helmut Schön
Juiz: Gottfried Dienst (Suíça)
Auxiliares: Galba (Tchecoslováquia) e Bakhramov (União Soviética)

Campeões no grito

O retrospecto favorecia amplamente a Inglaterra: desde o primeiro confronto, em 1901, os alemães nunca tinham conseguido vencer os ingleses, um tabu de 65 anos! Mas, por uma decisão tática de Helmut Schön, os dois verdadeiros talentos da partida – Bobby Charlton e Beckenbauer – não puderam mostrar seu futebol. Beckenbauer foi escalado para anular Charlton e os dois se anularam.
A Alemanha acreditava nas penetrações com toques curtos e bolas rasteiras, enquanto a Inglaterra confiava na jogada que vinha dando certo desde 1863: o chuveirinho. A partida foi emocionante. A Alemanha abriu o placar, a Inglaterra virou e Weber, aos 44 minutos do segundo tempo, empatou em 2 x 2. Pela primeira vez, uma Copa foi decidida na prorrogação. E aí o bandeirinha soviético Tofik Bakhramov garantiu o título para os donos da casa. Pela cartilha de regras do futebol, o quarto gol inglês foi ilegal, pois havia torcedores dentro do campo. Pelas normas do mais elementar bom-senso, o terceiro gol – inexistente – não poderia ter sido confirmado. Evidentemente, no dia seguinte os jornais britânicos disseram que a Inglaterra tinha sido melhor e merecera ganhar. De qualquer forma, os jogadores de Inglaterra e Alemanha foram convidados a se dirigir ao camarote real de Wembley. E lá, a rainha (tendo a seu lado o príncipe consorte, Phillip, duque de Edimburgo) entregou a taça ao capitão Bobby Moore. Com uma banda tocando e fazendo evoluções no centro do gramado – como se a torcida estivesse prestando atenção –, os campeões deram a volta olímpica. Enquanto os ingleses comemoravam, o mundo criticava. E como a Inglaterra reagiu à gritaria universal? Nem ligou. O jornal londrino *The Times* resumiu o sentimento dos locais: "É melhor ser um vencedor impopular do que perder esportivamente". E Thomaz Mazzoni, jornalista oficial da delegação brasileira, que já tinha visto muita coisa na vida – assistira, ao vivo, todas as Copas, desde 1930 – escreveu: "Nunca tantos árbitros fizeram tanto para ajudar tão poucos".

SVEN SIMON

Com a taça na mão: "É melhor ser um vencedor impopular do que perder esportivamente"

Um fio de esperança:aos 44 minutos do segundo tempo a Alemanha empata e leva o jogo para a prorrogação

Os gols da final

ALEMANHA 1 x 0 - Aos 12 minutos do primeiro tempo, num erro de Wilson, que devolveu mal de cabeça uma bola cruzada para a área inglesa, Haller atirou rasteiro no canto direito de Banks e abriu o placar para os alemães.

INGLATERRA 1 x 1 - Apenas 6 minutos depois, num chuveirinho de Bobby Moore em cobrança de falta, Hurst empatou de cabeça.

INGLATERRA 2 x 1 - Eram 33 minutos do segundo tempo quando Hurst chutou da entrada da área e o zagueiro Hottges cortou com defeito. A bola subiu e, quando desceu, Peters marcou.

ALEMANHA 2 x 2 - Aos 44 minutos da etapa final, quando a torcida inglesa já entoava seus tradicionais cânticos de vitória, Emmerich cobrou uma falta pela meia esquerda. A bola bateu na barreira e sobrou para Held, que foi à linha de fundo e chutou. Caprichosamente, ela passou por vários jogadores, até que o zagueiro Weber, de carrinho, mandou-a para a rede

INGLATERRA 3 x 2 - O lance decisivo da final de 1966 aconteceu aos 12 minutos do primeiro tempo da prorrogação. Dentro da área alemã, Hurst controlou um cruzamento de Ball, girou o corpo e chutou. A bola bateu no travessão e no chão. Hurst levantou os braços comemorando e o juiz decidiu consultar o bandeirinha Bakhramov. Parado na linha lateral, ele até então só observara o lance, sem fazer nenhum movimento. Mas, quando o árbitro se aproximou, Bakhramov indicou que a bola tinha batido dentro do gol. Nas arquibancadas, a torcida inglesa não sabia bem como reagir – e começou a bater palmas. Presumivelmente, para o auxiliar "amigo".

INGLATERRA 4 x 2 - Aos 14 minutos do segundo tempo da prorrogação, a Inglaterra partiu num contra-ataque. Três torcedores, imaginando que o jogo tinha acabado, entraram em campo atrás do gol de Banks e correram em direção ao meio do campo. Junto com eles, e na mesma velocidade, corria pelo lado de fora o já célebre Bakhramov (que achou por bem não indicar ao juiz a invasão e a conseqüente interrupção da partida). A bola chegou a Hurst, que partiu para dentro da área alemã e chutou no ângulo direito de Tilkowski. No mesmo instante, os torcedores deixaram o campo, junto à linha divisória central, passando a menos de 1 metro de Bakhramov. O juiz confirmou o gol e, logo em seguida, encerrou a partida, sem que a Alemanha desse a saída novamente- o que deixou muitos com a impressão de que o placar tinha sido 3 x 2.

Números

ARTILHEIRO

Eusébio, de Portugal, apontou 9 golos, como diriam nossos patrícios. E Portugal teve também o melhor ataque – fez 17 dos 89 gols marcados na Copa. Eusébio Ferreira da Silva nasceu em Lourenço Marques, capital de Moçambique, na África. O país foi descoberto pelo navegador Vasco da Gama em 1497 e colonizado pelos portugueses. Quando Moçambique conseguiu sua independência, em 1974, Lourenço Marques mudou de nome para Maputo. Eusébio tinha 24 anos em 1966 (nasceu em 25 de janeiro de 1942). Desde os 18 estava no Benfica, pelo qual jogou 15 temporadas. Foi 13 vezes campeão português e uma vez campeão europeu de clubes, em 1963. Em 1975, foi ganhar uns dólares no Canadá, México e Estados Unidos. Encerrou a carreira em 1980, pelo Beira-Mar português. Pela Seleção de Portugal, fez 64 partidas e marcou 41 gols.

PÚBLICO

Os 32 jogos disputados na Copa de 1966 tiveram 1 463 033 espectadores, o que representa 80% da capacidade total dos estádios. Só um confronto registrou superlotação: Alemanha Ocidental x Argentina, nas oitavas-de-final. Por razões óbvias, as seis partidas da Inglaterra foram as que atraíram mais torcedores. Todas foram disputadas em Wembley, com público superior a 85 000 pessoas em cada uma. No total, o English Team atraiu 544 063 fãs, o equivalente a mais de 90% da lotação do lendário estádio.

Os campeões

A vitória na Copa de 1966 foi a maior glória dos inventores do futebol. Confira aqui os 11 que jogaram a final (mais o técnico e um certo auxiliar)

»Gordon Banks, *28 anos* (30 de dezembro de 1937), do Leicester City. Nasceu em Sheffield e foi um grande goleiro que nunca jogou num time grande. Começou na reserva do Chesterfield, aos 17 anos. Disputou apenas 26 jogos em quatro anos e transferiu-se para o Leicester City. Em 1967, foi para o Stoke City. Entre 1963 e 1972, jogou 73 vezes pela Seleção. Teve a carreira interrompida depois de perder um olho num acidente de carro. Em 1977 e 1978, voltou aos campos e disputou duas temporadas do Campeonato Norte-Americano pelo Fort Lauderdale.

»George Cohen, *26 anos* (22 de outubro de 1939), do Fulham. Natural de Kensington, subúrbio de Londres, é exemplo de jogador eficiente, mas sem brilho. Jogando desde 1957 no Fulham (único clube que defendeu), foi convocado pela primeira vez para a Seleção em 1964. Mas só entrou no time devido a uma séria contusão sofrida pelo titular, Jimmy Armfield, do Blackpool. Cohen disputou 37 jogos pelo English Team até 1967, quando deixou de ser convocado. Em 1969, magoado por ter sido colocado na reserva do Fulham, decidiu encerrar a carreira.

»John 'Jack' Charlton, *31 anos* (8 de maio de 1935), do Leeds United. Toda a carreira do zagueiro Jack (irmão mais velho de Bobby Charlton) foi desenvolvida num time, o Leeds United. Começou em 1952, aos 17 anos, e parou em 1983, aos 38. Natural de Ashington, estreou tardiamente na Seleção, em 1965, aos 30 anos. Mas manteve-se como titular durante 35 jogos, até a Copa de 1970 (quando disputou apenas um jogo, contra a Tchecoslováquia). Nas Copas de 1990 e 1994, foi o técnico da Irlanda do Norte.

»Robert 'Bobby' Frederick Chelsea Moore, *25 anos* (12 de abril de 1941), do West Ham. Zagueiro clássico e de muitos recursos técnicos, Bobby nasceu em Barking. Começou nas categorias de base do West Ham e estreou no time principal em 1960. Em 1962, já estava na Seleção que disputou a Copa do Chile. Em 1964, tornou-se capitão do English Team. Disputou também a Copa de 1970 e jogou 108 vezes pela Seleção (número superado apenas pelo goleiro Peter Shilton). Em 1975, aos 34 anos, transferiu-se para o Fulham. Em 1976, foi para os Estados Unidos e atuou pelo San Antonio Thunder e pelo Seattle Sounders, encerrando a carreira em 1978, aos 37 anos. Booby Moore morreu, de câncer, em 24 de fevereiro de 1993, aos 51 anos.

»Ramon 'Ray' Wilson, *31 anos* (17 de dezembro de 1934), do Everton. O mais velho da equipe campeã nasceu em Shirebrook. Começou a carreira em 1955, no Huddersfield, e transferiu-se para o Everton em 1962. Durante oito anos, a partir de 1960, foi o titular da lateral-esquerda da Seleção (foi o encarregado de marcar Garrincha na Copa do Chile, em 1962). Jogou 63 vezes com a camisa inglesa até 1968, quando machucou o joelho e viu sua carreira entrar em declínio. Em 1969, transferiu-se para o Oldham e parou de jogar em 1971. Depois, abriu um negócio de sucesso, mas incomum para ex-jogadores de futebol: virou agente funerário.

»Norbert 'Nobby' Peter Stiles, *24 anos* (18 de maio de 1942), do Manchester United. Nasceu em Collyhurst e desde que começou a atuar pelo Manchester United, em 1960, foi considerado um jogador improvável: era baixo (1,61 metro), míope (jogava com fortes lentes de contato) e banguela (usava dentadura, que tirava durante as partidas). E, principalmente, não tinha técnica. Seu único talento era o desarme. Mas foi essa característica que permitiu que o talentoso Bobby Charlton pudesse brilhar. E em 1965 o técnico Alf Ramsey convocou Stiles para repetir dobradinha na Seleção. Durante a Copa, Stiles bateu muito nos adversários, com a complacência dos juízes. Ficou na Seleção até 1970, mas a partir de 1967 tornou-se reserva (só fez 24 jogos). Em 1971, foi para o Middlesbrough e em 1975 encerrou a

carreira no Preston. Mas, seguindo o exemplo de outros ingleses, em 1981 mudou-se para o Canadá, onde ainda atuou por três anos pelo Vancouver Whitecaps. Parou definitivamente em 1984, aos 42 anos.

»Robert 'Bobby' Charlton, *28 anos* (11 de outubro de 1937), do Manchester United. Começou no Manchester aos 14 anos e foi profissionalizado aos 17. Natural de Ashington, foi um dos sobreviventes do desastre aéreo em Munique que matou sete jogadores do time em 1958. Foi convocado para a Copa de 1958, mas não entrou em campo. Disputou também as Copas de 1962 e 1970. Na de 1966, foi o melhor jogador da Inglaterra. Disputou ao todo 106 jogos pela Seleção (sendo o último deles contra o Brasil, no Mundial de 1970) e marcou 49 gols. Em 1973, aos 36 anos, encerrou a carreira, como jogador e técnico do Preston.

»Alan Ball, *21 anos* (12 de maio de 1945), do Blackpool. O mais jovem dos campeões nasceu em Fanworth e começou no Blackpool em 1962, aos 16 anos. Sua grande chance surgiu em 1965, quando Alf Ramsey começou a montar a equipe que disputaria a Copa e decidiu usar dois pontas jovens e velozes, capazes de defender e atacar durante todo o jogo (Ball na direita e Peters na esquerda). Logo após a Copa, Ball se transferiu para o Everton, na maior transação do futebol britânico até então (110 000 libras). Em 1971, foi comprado pelo Arsenal, por outra cifra recorde: 220 000 libras. Foi convocado pela última vez para a Seleção em 1975, totalizando 75 jogos e 8 gols. Em 1976, foi para o Southampton e em 1982 encerrou a carreira no Bristol. Em maio de 2005, leiloou sua medalha de campeão do mundo (a oferta vencedora foi de 140 000 libras).

»Roger Hunt, *28 anos* (20 de julho de 1938), do Liverpool. Nasceu em Golborne e jogou 11 temporadas pelo Liverpool, de 1959 a 1969, marcando 245 gols. Pela Seleção, entre 1962 e 1969, fez 34 partidas e 18 gols. De forma indireta, foi responsabilizado pela confusão gerada após o terceiro (e inexistente) gol na final de 1966. Quando a bola chutada por Hurst tocou o travessão e o solo, Hunt era o mais próximo do lance. Mas, em vez de tentar mandar a bola para o gol, ele saiu comemorando. E o juiz marcou. Em 1969, transferiu-se para o Bolton e encerrou a carreira em 1972.

»Geoff Hurst, *24 anos* (8 de dezembro de 1941), do West Ham. Natural de Ashton-under-Lyne, foi o que mais lucrou com a Copa de 1966. A final era apenas sua oitava partida pela Seleção. Cinco meses antes do Mundial, nem era uma das primeiras opções do técnico para o ataque. Nas três primeiras partidas do torneio, o centroavante titular foi Jimmy Greaves. Mas uma contusão permitiu que Hurst entrasse no time nas quartas-de-final. Para a final, Greaves estava recuperado e a imprensa pedia sua escalação. Mas Ramsey preferiu manter Hurst. Pelo West Ham, o atacante jogou até 1972, quando se transferiu para o Stoke City. No mesmo ano, fez seu último jogo pela Seleção, o de número 49 (com 24 gols marcados). Em 1976, encerrou a carreira, aos 35 anos, pelo West Bromwich Albion. Apesar das irregularidades em 2 dos gols, Hurst é oficialmente o único jogador a ter marcado 3 vezes numa final de Copa.

»Martin Peters, *22 anos* (8 de novembro de 1943), do West Ham. Assim como Ball, Peters era visto como incansável e laborioso. Ganhou sua primeira chance na Seleção apenas dois meses antes da Copa. A final contra a Alemanha foi seu sexto jogo pela Inglaterra. Em março de 1970, Peters (que nasceu em Plaistow) transferiu-se para o Tottenham. Na Seleção, ficou até 1977, totalizando 67 jogos e 20 gols. Mas, em clubes, sua carreira foi bem mais longa. Em 1975, assinou com o Norwich City e em 1980, com o Sheffield, como jogador e técnico. Em 1981, aos 38 anos, parou de jogar. Sem nunca ter sofrido uma contusão séria em 21 anos .

»Alfred Ernest 'Alf' Ramsey, *46 anos* (22 de janeiro de 1920). O técnico campeão de 1966 nasceu em Dagenham. Como jogador, disputou a Copa de 1950 e participou do vexame que a Inglaterra deu ao perder para os Estados Unidos por 1 x 0, em Belo Horizonte. Como treinador do Ipswich, entre 1955 e 1963, levou o time da terceira para a primeira divisão e sagrou-se campeão inglês. O feito lhe valeu a nomeação como comandante da Seleção, por quase 12 anos, de 1963 a 1974. Ganhou um único título, a Copa de 1966. Nos demais torneios, a Inglaterra não chegou sequer à final. Nas eliminatórias para a Copa de 1974, precisando apenas vencer para se classificar, os ingleses empataram em casa com a Polônia e Ramsey foi dispensado. Daí em diante, não teve mais nenhum sucesso em clubes. Mesmo assim, é considerado "o técnico mais vencedor do futebol inglês". Ramsey morreu em 30 de abril de 1999, aos 79 anos.

»Tofik Bakhramov, Em 2004, o bandeira que decidiu a Copa de 1966 teve uma estátua inaugurada em sua homenagem em Baku, no Azerbaijão, em frente ao estádio Nacional (que também ganhou o nome de Tofik Bakhramov). Não por acaso, esteve presente à cerimônia o inglês Geoff Hurst, autor do gol inexistente validado por Bakhramov. O célebre bandeirinha (e juiz da Fifa de 1964 a 1971) morreu em 12 de outubro de 1993, aos 67 anos. Sua trapalhada eclipsou a atuação quase perfeita do juiz da final de 1966, o suíço Gottfried Dienst, na época com 46 anos. Dienst morreu em 1º de junho de 1998, em Basiléia, Suíça.

Atraso providencial

O avião da Seleção ficou nove horas parado em Londres, só para chegar ao Rio na madrugada, sem torcedores para variar. Logo depois, para tristeza geral, Pelé voltou a afirmar que não voltaria a jogar outra Copa...

No dia 25 de julho de 1966, a delegação brasileira – que, desde a véspera, estava hospedada no Hotel Crystal Palace, em Londres – foi ao aeroporto para embarcar de volta para o Brasil. A saída estava prevista para as 7 da manhã e alguém deve ter feito as contas: considerando o fuso horário, a Seleção chegaria ao Rio de Janeiro às 16h30. E certamente haveria um hostil comitê de recepção aguardando o desembarque. Assim, por "problemas técnicos", o avião da Varig decolou de Londres com nove horas de atraso. E, após as escalas em Lisboa e Dacar, pousou no Rio às 3h30 da madrugada do dia 26. A estratégia funcionou: não mais que 20 gatos pingados se animaram a passar a noite em claro para vaiar nossos atletas.

Um mês depois da Copa, o Santos foi convidado a disputar o New York Champions, um torneio de clubes em Nova York. Participaram também a Inter de Milão, o AEK da Grécia e o Benfica. No dia 21 de agosto, no Randalls Island Stadium, o Santos enfrentou o Benfica, reencontrando os seis principais jogadores da Seleção Portuguesa que havia vencido o Brasil apenas 33 dias antes: Jaime Graça, José Augusto, Coluna, Torres, Eusébio e Simões. O Santos goleou por 4 x 0, com gols de Toninho (2), Pelé e Edu. Derrotando também o AEK (1 x 0, gol de Toninho) e a Inter (4 x 1, gols de Toninho, Pelé, Edu e Mengálvio), o time da Vila Belmiro conquistou o minitorneio. Fato que provocou, ao mesmo tempo, satisfação e consternação no Brasil. A vitória era a prova de que, com um mínimo de organização, e sem politicagem, teria sido possível **ir muito mais longe** na Copa.

Na volta dos Estados Unidos, Pelé reiterou o que já havia afirmado em solo inglês, após a eliminação: continuaria jogando pela Seleção por algum tempo, mas nunca mais disputaria uma Copa do Mundo. Será que alguém conseguiria convencê-lo a mudar de idéia até 1970?

Pelé e o preparador físico Paulo Amaral: promessa de nunca mais jogar uma Copa

Ao comparar a conquista do Santos com a derrota do Brasil, ficou um gosto amargo ao perceber que o consistente artilheiro Toninho nem havia sido convocado para a Seleção. Edu *(foto)*, outra estrela santista, até viajou para a Inglaterra, mas foi um dos dois únicos jogadores que não entraram em campo (o outro foi Zito, machucado).

EDITORA Abril